Edição semanal da Empreza d'O Seculo — N.º 39 — Lisboa, 19 de novembro de 1906

Illustração Portugueza

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — EDITOR: José Joubert Chaves

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjuncta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portugueza			
		PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA			
Anno	4$800	Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	2$400	Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700
Trimestre	1$200				

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — Rua Formosa

Summario

Bilhetes Postaes illustrados a côres

Raul Peres Leiro, participa que acaba de receber a sua edição de postaes illustrados de **Novo Redondo** e **Benguella,** com vistas, trechos das fazendas, paizagens, margens do rio **N'Gunza,** costumes africanos e mais assumptos de interesse.

Recebem pedidos em Lisboa: Livraria Bertrand, rua Garret, 73; Livraria Ferreira & Oliveira, rua Aurea, 133; Oliveira, Machados & Duarte, rua da Prata, 68 a 74; Malva e Roque, rua do Arsenal, 139.

No Porto: Livraria de Lello & Irmão, rua dos Carmelitas, 134.

Na Africa Occidental: Loanda, Beltrão, Ferreira & Comta; Novo Redondo, Raul Leiro; Benguella, Costa Junior & C.ª; Qaimballe, Oliveiras & C.ª; Bihé, Alves Medeiros.

Pedidos para revender a **Raul Leiro** — Novo Redondo

Caixa do correio n.º 8

CASA ESPECIAL DE CAFÉ DO BRAZIL

A. Telles & C.ª

Rua Garrett, 120 (Chiado), LISBOA — Rua Sá da Bandeira, 71, PORTO

TELEPHONE N.º 1 438

Café especial de Minas Geraes (Brazil)

Este delicioso café, cujo aroma e paladar são agradabilissimos, é importado directamente das propriedades e engenhos de **Adriano Telles & C.ª, de Rio Branco, Estado de Minas Geraes** e não contem mistura de especie alguma. **Todo o comprador tem direito a tomar uma chavena de café gratuitamente.**

LICOR VEGETAL

O melhor remedio e purificador de todas as molestias provenientes da impureza do sangue

PREÇO

1 frasco. 1$000 réis
7 frascos 6$000 réis

Para provincia PORTE GRATIS

Todos os pedidos devem ser feitos assim:

PHARMACIA BRAZILEIRA
15, L. de S. Domingos, 15-A
LISBOA

Sedativo BEIRÃO

ANTI-DYSMENORRHEICO

E' o mais adequado e soberano medimento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrhea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dôres reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; nauseas, vomitos, diarrhea, abate a elevação do ventre por accumulação de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias que muito complicam as menstruações irregulares. **O Sedativo «Beirão»** actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funcções e é muito efficaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. E' indispensavel na amenorrhea accidental ou suspensão subita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. **O Sedativo Beirão** contém propriedades tonicas, adstringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo brancoutero vaginal (leucorrhea).

O **Sedativo «Beirão»** é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes, diminue a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio da circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e de outras molestias que sobreveem pela cessação final dos mentruos n'esta mudança da vida da mulher. **O Sedativo» Beirão«** não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

DEPOSITOS AUCTORISADOS:

Em Portugal · Pharmacia Liberal — ***Avenida da Liberdade, 167; Lisboa.***

Pharmacia do Padrão — ***Rua Formosa, 10, Porto***

Inglaterra e colonias · Mr. J. Wyman.

Export Druggist. ***58 e 59, Bunhill Row London, E. C***

O principio e seguimento das minhas regras mensaes foi sempre annunciado e acompanhado de perturbações que constituiam para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perdia os sentidos.

Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.mo sr. dr. Arantes Pereira me prescreveu o **Sedativo** Beirão Anti-dysmenorrheico, cujo effeitos calmantes se não fizeram esperar.

Tenho repetido o uso d'este agradavel remedio, uma semana em cada mez, e noto com verdadeira surpreza que as regras apparecem agora regularmente e sem dores.

Nem nos remedios caseiros nem das pharmacias jámais consegui um allivio.

Porto, rua de S. Lazaro, 126, em 30 de novembro de 1905.—Escilia Aurelia Fernandes.

(Segue o reconhecimento do tabellião Antonio Borges d'Avellar).

Instructions pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hebraique.

Prix du flacon: huit francs, Franco pour tous les pays de l'Union postale contre mandat de poste adressé à Marciano Beirão. Avenida da Liberdade, 167—Lisbone.

RETRATO DE MADAME DE PROENÇA VIEIRA

[PELO PINTOR FRANCEZ ALEXANDRE BLOCH]

Discipulo de Gerôme, Alexandre Bloch é hoje considerado um dos mais illustres pintores de França. Premiado com as mais elevadas recompensas em varios *salons*, alguns dos seus quadros de assumptos militares, como *Escaramouche*, *Tentative de déraillement* e *Défense du drapeau du 61 de ligne* conquistaram-lhe uma reputação universal. Encarregado pela Camara Municipal de Paris de pintar os quadros commemorativos da visita dos reis de Italia, *Recepção no Elysen* e *Recepção no Hotel de Ville*, Alexandre Bloch era pouco depois convidado pelo rei de Italia para pintar o retrato da rainha Helena, considerado como uma obra prima de factura e de colorido.

O Pico dos Açores

O Pico—(Cliché de D. Adelaide Roza)

Quem demanda o porto da Horta ou passa a distancia de bem avistar a terra sente-se preso de admiração perante a bella marinha que apresentam estas tres ilhas: a um lado o Fayal, verdejante, pintalgado de casaes, e abrindo o sorriso da branca cidadesinha da Horta, a descer na falda dos montes onde assenta até mirar-se n'agua; do outro, o Pico, erguendo do mar o seu triangulo altivo; e ao longe S. Jorge, estiraçado, o dorso montuoso, de um tom d'aguarella.

É uma bella marinha de certo; e para não citar agora senão o nome que acode de memoria á penna primeiro, ella foi uma das vivas impressões de Mauricio Sand quando em 1861, na sua viagem pela Africa, a Europa e a America, acompanhando Jeronymo Bonaparte e a princeza Clotilde, visitou estas ilhas.

Impressões identicas, e de que seria facil fazer longa lista, concordam que o grupo das tres ilhas, Fayal, Pico e S. Jorge, pelo seu aspecto, pela belleza do seu panorama e da sua paizagem entrevista, pela sua disposição sobre o mar que entre ellas ás vezes parece um vasto lago, apresenta um soberbo quadro.

Mas d'esse esplendido conjuncto o Pico é a parte mais magestosa. Levantando-se de um jacto sobre o plaino das aguas, lançando do mar as linhas dos seus flancos, que vão convergindo direitos, quasi sem ondulações sensiveis, para o cume erecto a 2:300 metros, o Pico é o gigante dos Açôres, e, em todo o Portugal, elle tem abaixo de si o cimo das mais elevadas montanhas.

Variados ao infinito são os aspectos que se lhe notam conforme as estações, o tempo e as horas do dia. Com céu descoberto, claro e radiante, o seu cume abrange o horisonte n'um raio de cem milhas, e todos os navios, ainda os maiores transatlanticos e os mais poderosos couraçados, que cruzam, como pequenos insectos, a zona de mar que elle senhoreia, contemplam e saudam o seu pico, quer aflorando a agua como o botão de um seio, quer successivamente erguendo-se até toda a sua imponente grandeza.

Nas tardes em que a luz cae a jorros, e as terras resplandecem, o Pico, completamente nú, desenhando seus contornos nitidos no azul alto e purificado, banha-se tambem de sol que lhe bate do frente; e na illuminação vigorosa, posto que já serena, apparecem bem claros todos os relevos do seu terreno, resaem montes e crateras de cuja existencia se não suspeitava, chegam a destacar-se os perfis das suas mattas. A facha da beira-mar, abrangendo principalmente a região das vinhas, salpica-se de casinholas brancas, frescas de neve, e que de manhã e á noite se empennacham dos fumos das refeições.

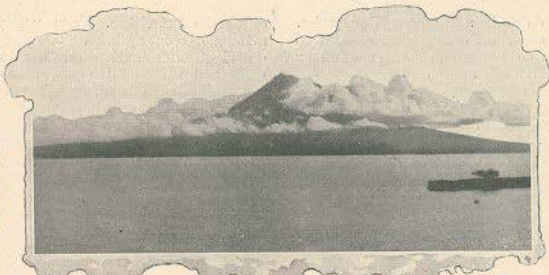
Estes fumosinhos, até, teem caracter. De manhã, com o sol a nascer, transparecendo a alegria dos primeiros raios, elles semelham plumas de luz, chammasinhas vivas que dizem a lida no seu começo. De tarde, n'um azulamento ondeante e lento, na placidez do crepusculo, significam o descanço de um dia de trabalho, os momentos que se passam sentados sobre o balcão, os alviões, as foices e as grossas luvas de couro para mondar atiradas para a banda, e a alma repousando tambem, dilatando-se á doçura e á pureza do ocaso que doura ahi perto os ramos alvacentos das velhas figueiras onde as gallinhas se empoleiram. E esse mesmo

Uma pastora de S. João—(Cliché de Nunes Sobrinho)

clarão afogueado parece ir enlear, para que se não percam, as ultimas notas suaves dos canticos dos melros, que, pousados sobre os moroiços de pedras negras, movem lentamente os seus bicos de ouro para um e outro lado: para os retalhos de terras cultivadas junto de casas em que se falasa e creanças gritam, e para as cortinas de pinhaes que se elevam já na zona verde de arvoredos, de campos mais desafogados, zona que se espraia e sobe pela montanha até o limite das creações. Depois, no terço superior do vulcão, são as rochas descarnadas que o poente a pouco e pouco rosa, em seguida avermelha, e mais tarde põe em braza viva, emquanto, docemente, do mar, um tom violeta vae subindo que o tinge por egual.

O Pico [Cliché de A. R. Martins]

De outras vezes, não sei se tomado d qualquer tristeza, elle vela-se de nuvens, esconde no seu capuz a cabeça como um monge; de outras é a colera que o domina, sobre elle as nuvens amontoam-se, acastellam-se, remoinham em noveliões de tempestade, de cujo seio a ventania se desprega e o raio fuzila; de outras, com ventos feitos de leste, as nuvens algodoadas, como um velo macio, prendem-se-lhe no cume, e d'ahi descem, abrem-se á frente, despenham-se pelas vertentes de queda em queda como as cabelleiras respeitaveis dos juizes inglezes. De outras ainda, com os frios do inverno, e mesmo antes em certos dias de outomno e até depois pela primavera fóra, o seu vertice brilha coberto de gelo, que ora é compacto e duro e o reveste até meio, ora se esborôa, se fende e adelgaça em bagas, em pilões, em toalhas resplendentes. Nos dias claros da primavera, elle apparece assim, como uma noiva, na sua branca e assetinada pureza, sob a cupula final do azul esmaltado.

No inverno de 1880 o Pico mostrou-se coberto de gelo por fórma desusada. O alvo sudario descia ás primeiras casas dos povoados e apenas deixava limpa a falda da montanha. Era de um effeito e de uma magestade surprehendentes, e de noite, pelo luar, aos navios que cruzaram n'essa epoca o Atlantico, elle devia parecer aos olhos deslumbrados como uma figura fabulosa, um mysterioso phantasma do deserto oceano.

Ha outras occasiões, com brisas frescas que repintam o mar, em que elle se nos apresenta de um azul tão fulgurante que toda a montanha rutila como uma enorme pedra preciosa engastada nas aguas.

Caprichos de côr, de luz e de aspecto são indefiniveis; e, como um ser verdadeiramente vivo, o Pico torna-se sensivel ás estações, ás horas do dia, ao tempo e á temperatura.

Por isso, desde longa data, os habitantes das ilhas mais proximas habituaram-se a vêr n'elle um barometro que raro engana.

Já Fructuoso, no seculo XVII, escreveu: «É tão alto (o Pico) que os mareantes e as outras ilhas o teem por sua melhor agulha de marear, que nos seus presentes aspectos lhes mostra os eminentes tempos; porque, quando está coberto de nevoas, denota ventos mareiros, como Sueste, Sul e Sudoeste; e quando todo descoberto, indica Oeste, Noroeste e Norte; quando tem uma barra branca de nevoa pelo meio, e tudo o mais de cima e de baixo, descoberto, adivinha tempos Lestes e Nordestes; e se se vê todo limpo, e logo põe na cabeça algum capello de nevoa, prophetisa que o tempo se muda em breve a mareiro; e das ilhas mais distantes, muitas vezes se vê predominando os ares, com a cabeça posta sobre as nuvens, e estas em baixo adorando-o sobre a terra: e tão alto parece aos que estão perto d'elle, como aos que estão longe; e aos que ao mais alto d'elle chegam, então lhes parece ainda mais alto, sem poderem ainda bem comprehender sua altura.»

Cimo da montanha vulcanica do Pico [Cliché de Mello e Simas]

O mesmo succede hoje, não havendo pescador ou marinheiro d'estas ilhas, e os proprios agricultores, que não espreitem o cimo da montanha para tirar d'ahi signaes de tempo.

Fructuoso assignala tambem um facto verdadeiro, e é que, por elevado que seja o ponto de onde observamos o Pico, tanto elle se avantaja, ou mais, até, como se crescesse em orgu-

lho para os que de mais alto tentam devassal-o. Soberbo com os soberbos, e sobremodo humilde com aquelles que se contentam para o admirar dos pontos baixos da beira d'agua.

E desde a epoca do descobrimento d'esta parte do archipelago, quantos olhos, que o amam, o não teem contemplado...

Vem aqui a proposito recordar a lenda que envolve esse periodo, e que os velhos chronistas registam, com pequenas variantes, por estas palavras:

«Os primitivos colonos da Terceira e S. Jorge botavão na ilha do Fayal (ainda não povoada) algum gado; e hum Ermitão de bôa vida, por a fazer mais solitaria, se foi para dita ilha do Fayal de morada: hião no verão alguns a ver as fazendas que lá tinhão tomado, e seu gado, e visitavão o dito Ermitão, e achando que elle tinha preparado uma embarcação a seu modo, e perguntando-lhe para que era aquella embarcação, respondeu que da parte da visinha ilha do Pico lhe apparecia uma mulher vestida de branco que o chamava de lá, que se fosse para ella, e que por lhe parecer que era a Virgem Senhora fazia aquelle barquinho de couro por fóra, e determinava passar lá quando a Senhora outra vez o chamasse: os que o ouvião o tiravão d'isso, e comtudo o Ermitão ficou acabando o seu barquinho, e se metteu n'elle ao mar, e nunca mais foi visto nem achado.»

Barco entrando no porto com máu tempo
(*Cliché de D. Adelaide Rosa*)

Que muito que á imaginação doente d'este sonhador, se elle existiu fóra da lenda, e realmente sósinho viveu sobre esta ilha, no isolamento do mar, a sós com as vozes da natureza: que muito que a grande montanha, no mysterio que a cercava então, apparecendo-lhe alva de gelo por noites vagas de luar, se lhe figurasse uma estranha visão, uma branca Virgem, abrindo-lhe de longe os braços?... E em momentos de mais exaltado devaneio, no barquinho que construira se metteu ao mar, esteirado da luz da lua, e o mar, caricioso e manso, abriu-lhe o seio das suas aguas, e deu-lhe o eterno descanço, condoido das penas que o tinham atirado só a uma terra deshabitada...

Mas volvamos á realidade.

Se o Pico, visto de fóra, é uma linda montanha, em que os olhos se desvanecem, é tambem, dentro, uma terra interessante por mais de um motivo.

Sobretudo tem caracter, tem feição á parte, muito sua, que a distingue.

Ali a natureza encontra-se na sua pura e rude expressão primitiva. Nada postiço, amaneirado, alindado ou mesquinho. Tudo possue o cunho forte da virgindade nativa que a mão do homem não quiz, não poude ou não conseguiu ainda adulterar. As praias, asperas e fragosas, são verdadeiras rochas, negras, revoltas, selvaticas, dando uma impressão de grandeza e de magestade que impõe respeito. E o mar que banha essas praias é tambem o verdadeiro mar, vindo franco do largo, sem peias e sem estorvos, em plena posse de toda a sua força e de toda a sua liberdade, bello, poderoso, indomavel, e que ora se azula desenhando pontas, grutas e enseadas, que embala na ondulação de suas caricias, ora se arqueia, ruge e rebenta em cordilheiras de escuma, estrondeando de encontro aos rochedos temerosos que a rociada enfumaça para irem resfolegar depois, como seres estranhos, pelos recessos mysteriosos das cavernas maritimas.

Na sua furia, em uma lucta de feras brancas, por aquellas costas desertas, as vagas de longe se enrolam, alteiam-se, floreiam as suas cristas, desabam, embatem umas nas outras, travam se braço a braço, e parecendo desviar o fragor das suas coleras para um ponto só, juntam os seus esforços e arrojam-se sobre a terra desamparada que se diria quererem destruir.

Grande espectaculo que nenhuma penna traduz e que só entende quem nasceu com o mar, quem se creou com o mar, quem sempre com o mar, a vêr o mar, a amal-o, a temel-o, a ouvil-o, por vezes musica suave de marulhos, por vezes tremendo concerto de bramidos e tempestades...

No ultimo verão a scena passava-se em uma d'estas inhospitas praias picoenses.

Era na *Barca*.

A costa ali é baixa, e entre as restingas que se adeantam pelo mar, lança-se a curva de uma pequena enseada. Para além d'esta enseada, surgindo no meio de todo aquelle negrume de calhaus e bancadas de rochas, apparece branca, sósinha, a casa da *Barca*, antigo convento de jesuitas, com o seu andar de janellas de peito, a sua varanda, e seu largo portão á frente do pateo, encimado por uma cruz. Para cima, no terreno egualmente negro, que sobe quadriculado pelas paredinhas rasteiras das vinhas, dominando n'um alto, ergue-se um massiço de alvenaria, branco tambem, como uma pedra tumular, e tambem rematado por uma cruz. Era um miradouro dos velhos frades. E para a frente, abria-se o mar, calmo, picado de sol, vindo até nossos pés espalhar suas rendas d'espuma, fresco, verdinho e claro a vêr-se o fundo, e lan-

çando-nos ao rosto e ao coração o seu halito salgado e forte.

A beira d'agua, entre as pedras, contemplando um rapazinho que pescava sobre um bico de rochas, um homem estava sentado, tinha junto de si uma creança e um *Terra-Nova*, e os seus olhos enchiam-se de recordação e ternura. Este homem, que, em sendo pequenino, tanto da sua vida passára na convivencia do mar e das rochas do Pico, estava a matar saudades de muitos annos que ali não ia.

Como despertando, elle pousou-nos a mão sobre o joelho:—«Olhe! Tenho viajado grande parte do mundo: a Inglaterra a França, a Allemanha, a Suissa... As bellezas incomparaveis d'esses paizes são-me familiares... E

Trovoada sobre o Pico
(*Cliché Goulart*)

A ilha do Pico vista do mar

a sua civilisação... E a sua grandeza... E a sua arte. Mas quer que lhe diga? Nada é mais amavel ao meu coração do que estas rochas do Pico em que me criei. E em nenhuma parte senti ainda a commoção que agora experimento... Amor de liberdade, que sempre tive e por que sempre luctei, parece-me que me veiu da vista d'este mar, que deixou na minha alma a sua impressão de grandeza que nunca mais se apagou. Amor de bondade, de paz entre os homens, que tem sido o meu sonho, julgo que o tirei do meu viver singelo, honrado, pacifico e forte d'este povo, que é modelar...»

O homem que d'este modo falava era o dr. Manuel d'Arriaga—esse bello espirito.

◉

O Pico é assim. Aquelle que uma vez o visitou ficou-lhe preso. A terra subjuga-nos pela paizagem, que é admiravel, e pela imponencia dos seus aspectos; e quem alguma vez subiu ás altas regiões da ilha achou-se no meio de um vasto horisonte, descortinando uma larga perspectiva sobra as montanhas vulcanicas que se perfilam de toda a parte; sobre, lá em baixo, as outras ilhas que surgem luminosas do mar; e por ultimo sobre a immensidade das aguas que as rodeiam e se alargam depois até onde a vista alcança. É um soberbo quadro que deixa no espirito uma recordação imperecivel.

Outra parte caracteristica da paizagem picoense são os *Mysterios*. Assim classifica a linguagem popular uns immensos campos de lava, da lava que outr'ora jorrou do seio da terra e se alastrou por varios pontos da ilha em muitos kilometros de superficie.

No mysterio de Santa Luzia, as urzes, as faias, os tamuges, e varias plantas rasteiras, invadem de todos os lados.

Esta verdura accende-se á luz, como a propria luz vestindo a aridez do terreno. Enternece ver o esforço tenacissimo d'aquella minuscula vegetação, conquistando o solo agreste a poder de rebentos tenros, que são todavia mais fortes que a propria pedra, de que parecem zombar, manietando-a com suas raizes, fendendo-a com os seus troncos, avassallando-a, reivindicando para a fecundação e para a vida o chão bruto.

A corveta *Duque da Terceira* fundeada no Pico

No outro extremo da ilha encontra-se o mysterio de S. João, este quasi todo nú, envolto no sudario acinzentado dos lichens que revestem a rocha convulsionada — verdadeiro mar solidificado de desolação e tristeza, de onde emergem grandes cones aridos, o todo dando a impressão de uma paizagem lunar. E ao longo da comprida estrada, que rasga a pedra aspera, deparam-se-nos, aqui e além, pequenas cruzes de madeira que a piedade dos que passam enfeita de flôres, e que marcam os logares onde algum caminhante caiu ferido pela morte. Insensivelmente vae-se-nos o pensamento para esses pobres mortos que um dia, uma noite, ao atravessarem o mysterio desolado, succumbiram no caminho ao desamparo e n'aquellas cruzes toscas, fincadas na rocha, deixaram uma fugitiva memoria.

A acção vulcanica apresenta em toda a ilha poderosas manifestações: crateras immensas, algares extensissimos, grutas vastas como cathedraes, na sua maior parte escondidas debaixo do chão e algumas apenas communicando para o exterior por meio de estreitas aberturas só de poucos conhecidas — antigos esconderijos de contrabandistas, com capacidade bastante para levarem o carregamento completo do maior navio. Estas grutas, que se visitam á luz de archote ou de maçarocas de pinheiro a arder, offerecem espectaculos phantasticos, com as suas arcarias profundas, os seus effeitos de lava solidificada dos mais bellos e caprichosos, as suas paredes luzentes da agua que escorre, d'uma frescura nevada, sobre colgaduras de musgos e de minusculos fetos que as forram. Motivos de architectura estranha, arcos, columnatas, zimborios, abobodas, recantos que custam a explorar, salões, naves, bancadas... tudo isso, na illuminação extravagante dos fachos que se agitam, povoado de sombras que dançam como phantasmas, é singularmente interessante.

Tenho noticia de uma d'estas grutas que faz lembrar as ruinas de um circo romano, nas galerias em amphitheatro desmoronadas, nas columnas caidas por terra, na vastidão desordenada de seus escombros.

©

O solo aberto e roto dá logar a que, pouco tempo depois mesmo de chuvas torrenciaes, o chão fica perfeitamente secco, toda a agua desapparecen infiltrando-se na sua maior parte, e evaporando-se a restante rapidamente, porque ali o calor do sol é particularmente intenso.

O Pico é terra de muita luz. O pintor francez Borel, que durante annos acompanhou o principe de Monaco nas suas excursões oceanographicas, encarregado de fixar pelo pincel as côres e a fórma das diversas especies da flora e fauna maritimas, no momento em que eram colhidas das redes, disse-nos por mais de uma vez que não conhecia paiz de tanta luz como o Pico, a não ser talvez a Algeria, luz tão forte, tão fulgurante, tão *artistica*.

Que queria elle significar com esta palavra? Que a luz ali veste, pinta, toca os objectos por modo a imprimir-lhes côr, aspecto, belleza especial, dando-nos uma sensação d'arte?

Talvez, porque assim é na verdade.

Outra cousa que tambem não esquece mais, são esses effeitos de luz, quer seja a luz forte da manhã, quer seja a illuminação dourada da tarde. Hão de lembrar-nos sempre esses poços alagados de poentes onde as mulheres enchem a agua, gralhando e rindo. Hão de lembrar-nos sempre as figuras esbeltas das raparigas, com seus trajos vistosos — sua saia vermelha, amarella ou azul marinho; seu casaquinho leve de chita clara; seus lenços de côr pela cabeça, as pontas soltas, esvoaçando na aragem; seus chapéus abeiros de copa pequenina. E essas figuras cheias de gentileza e graça, trazendo á cabeça feixes de lenha, cestos de fructa, molhos de monda cheirosa, caminham lestas, no passo despejado das mulheres picarotas, e veem accesas de sol poente, n'uma gloria, n'uma apotheose que levanta e realça os typos, e até tinge de uma doçura de mel tepido os proprios feixes seccos e o mesmo vime que tece os cestos. E sobre as aguas na placidez ampla do mar estanhado estira-se o fulgor do sol que vae a esconder-se na nossa frente por detraz do Fayal. Dos seus ultimos raios, pestanejando d'ouro, rasando recolhidas as restingas limosas onde brincam e do franjado espumoso das vaguitas que os circumdam, flammejando agora e logo, ergue-se, na poeira liquida, uma atmosphera irisada da luz que se decompõe... Esta luz como que doura tambem a nossa alma, que se abre á doçura crepuscular, como essas flôres de suave perfume que só ás tardes desabrocham pelos vallados.

É possivel que muito d'estes effeitos esteja nos olhos com que os vemos. Lembra-me sempre aquella phrase de Daudet: «Tant il y a de nos yeux dans les paysages et les gens que nous regardons.»

E é de certo com bons olhos que encaramos os diversos aspectos picoenses. Essa boa disposição para ver e observar vem-nos do meio e do clima. Sentindo-nos bem, tudo vemos bem

Porque o Pico é nos Açôres a terra classica da saude, e, portanto, da alegria e da bondade. Terra amavel, torna-nos amaveis: é com amor que tudo quanto é d'ella amamos.

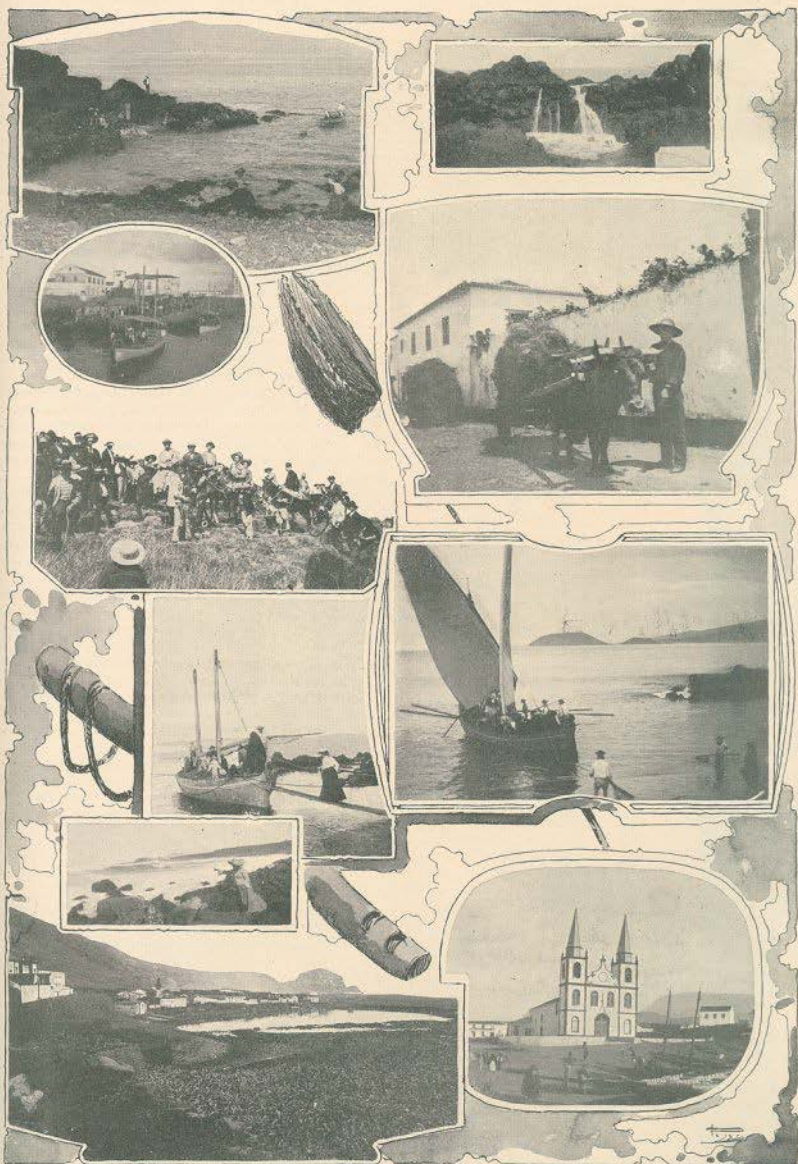
A salubridade excepcional do clima do Pico é um facto de observação incontestavel. Ninguem que lá tenha passado deixa de o confirmar, e muitos continentaes que me estão talvez a ler sabem por experiencia propria que faço aqui uma affirmativa exactissima.

O falado torpor açoreano é por assim dizer desconhecido n'esta ilha, onde a actividade de corpo e de espirito, a alegria de viver, a alegria d'alma voltam áquelles que sentiram entibiarem se-lhes essas energias.

Toda a população picarota, sã, forte, casta, laboriosa, alegre, equilibrada e intelligente, é a prova viva da acção benefica d'aquelle clima privilegiado e já precedido de velha fama.

Na *Historia Insulana*, do padre Cordeiro, lê-se: «O clima do ar e terra he tal, que sem medico algum se vive vida mui larga, e a sua experiencia lhes ensina as medecinas, e nem se sabe que houvesse alguma hora peste em tal Ilha, nem doenças contagiosas.»

Ainda hoje, por exemplo, a tuberculose é quasi desconhecida n'aquella ilha, onde aliás os tisicos melhoram e se curam de um modo maravilhoso. Todos os medicos açoreanos o sabem, e numerosos casos clinicos o attestam. O Pico é, pois, um sanatorio natural — o melhor de todos — onde ninguem recorreu que não tivesse de lhe reconhecer a excellencia.

Os mesmos productos da terra são melhores e

Porto do Pocinho, vendo-se ao fundo o Fayal — Queda de agua do mar em Sant'Anna — Barcos da carreira do Fayal atracando ao caes da Magdalena — Carro de bois na ilha do Pico — Uma burricada na serra do Pico — O embarque na carreira do Fayal — Sahida de um barco costeiro — Praia da Barca — Villa das Lages — Villa da Magdalena

Marisheiros do Pico

distinguem-se de outros similares de outras regiões, e os nossos agricultores não ignoram que as sementes do Pico possuem mais força germinativa e são mais productivas.

Até, como já referi de passagem, tem aroma especial. As arvores, as hervas, todas as plantas assignalam-se ali por um cheiro activo, um perfume forte que se espalha até grande distancia. Das compridas medas de monda encostadas contra as paredes, e dos mesmos feixes que homens e mulheres carregam á cabeça desprendem-se emanações silvestres que deixam por muito tempo no ar a sua esteira suave.

— «A terra do Pico cheira!» — dizem os marinheiros ao approximar se da ilha. E, realmente, na aragem fresca perpassam effluvios que inebriam.

Que todos os Açôres diffundem sobre o mar, até longe, o perfume dos seus laranjaes, das suas flôres, das hervas aromaticas que revestem os seus mattos, de toda a sua luxuriante vegetação em summa, é esse um facto de que teem conhecimento os viajantes que os demandam. Entre elles um que nos é muito querido: — o visconde de Castilho (Julio).

É todavia para lamentar que os productos agricolas no geral sejam pouco abundantes, para o que contribue a aridez do terreno vulcanico, não se encontrando em muitas aldeias senão pequenos retalhos de terra aravel que foram conquistados á pedra, á custa dos mais arduos esforços.

Por isso a ilha tem de importar grande parte dos generos de primeira necessidade que consome.

Região vinhateira, que chegou a produzir 25 mil pipas do mais precioso vinho, está hoje destruida pelo phylloxera e já pouco d'esse genero produz.

Em compensação exporta muito gado magnifico para Lisboa; e para as restantes ilhas do archipelago (especialmente o Fayal, de que o Pico foi a Regia Quinta, como diz um chronista, e ainda hoje é grande fornecedor) exporta fructas, queijos, lenha, etc., no valor de muitos contos de réis.

Os queijos do Pico, de industria caseira, teem larga fama, sendo o leite com que os fabricam produzido por vaccas que vivem em pastagens altas da ilha, sem jámais descer aos povoados; é tambem afamado, e realmente saborosissimo e rico de principios alimentares.

Industrias em grande escala ha a da pesca da baleia, que é importantissima, e principalmente se exerce nos portos das Lages, Calheta, Ribeiras, Caes do Pico e Santo Amaro.

Industria interessantissima, movimentada, dramatica, artistica, se assim se póde dizer, posta em pratica por meio de barcos elegantissimos, ha de merecer noticia especial.

Fayal.

FLORENCIO TERRA.

Villa das Lages—Baleia atracada ao caes para ser cortada—(Photographia Xavier)

UMA NOITE DE RUSGA

Sua Grandeza a Miseria, os seus estados e os seus vassallos ◎ O que é uma rusga ◎ Como se faz uma rusga ◎ Nos botequins da Mouraria ◎ «Café e bebidas» ◎ O «Mousinho d'Albuquerque» é o do «Cantinho da Saude» ◎ Marujos e fadistas, *camareras* e navalhas ◎ Recorda-se o Sergio, violoncellista ◎ Uma pagina celebre de Fialho d'Almeida ◎ A caça ao faquista e a caça ao vadio ◎ Nas hospedarias ◎ «Camas para pernoitar» ◎ A Lisboa desconhecida ◎ O lodo das cidades ◎ Como se dorme ◎ De 60 réis a dois tostões ◎ Onde e quem lá dorme ◎ Impressões e aspectos ◎ Um albergue pavoroso ◎ Figuras curiosas, figuras repugnantes e figuras dolorosas ◎ Um supplicio inquisitorial ◎ Como se é devorado vivo ◎ Uma mansarda onde se morre ◎ Epilogo de uma historia triste ◎ Os vencidos ◎ Um farroupilha que estudou latim ◎ Esplendores e miserias da sociedade ◎ Madrugada

Póde dizer-se, apresentando este artigo, como Gérard, o Gérard lacaio e philosopho, da opera de Giordano (1), apresentando a turba dos famintos: — *Sua Grandeza a Miseria!*

É effectivamente d'essa Grandeza, de quem só o nome bastou para perturbar o baile da condessa, que se trata. Este artigo são breves impressões colhidas em uma rapida excursão aos seus estados.

A Lisboa que aqui se evoca não é nem a Lisboa da «bohemia antiga» dos tempos de D. Thomaz de Mello, nem a Lisboa «das ruas mysteriosas» dos versos de Antonio Nobre. Poucos a conhecem. Nem o sr. Pinto de Carvalho d'ella investigou, nem o nosso Alfredo de Mesquita a descreveu. Não é nem a Lisboa da lenda e da saudade que os velhos rememoram, nem essa Lisboa pacata que todos ahi conhecemos. É uma Lisboa inexplorada, soturna, tenebrosa, cheia de sombras, onde o pão é amassado com fel e a enxerga trescala suores e podridões. É a Lisboa miseravel onde o lodo da vida se juntou e estagna.

Todas as grandes cidades teem d'isso. Em Madrid, Paris e Londres é terrivel o que aqui é só tenebroso. É frequente não tornar a sahir de lá o *mirone* que uma vez lá entrou. E a policia não ousa aventurar-se por aquellas alfurjas infectas e por aquelles covis, senão em grande numero, armada até aos dentes.

Alfama e a Mouraria são os dois fócos perigosos da nossa capital. Ali, n'aquelle dédalo de ruellas estreitissimas, n'aquelles predios cambados, podridos e senis, se acoita toda a população de vagabundos, de falsos mendigos e de mendigos verdadeiros, faquistas, gente baixa, e não raras vezes serve de velhacouto a verdadeiros criminosos.

Mercê, porém, de um bem organisado serviço de policia, é esse perigo consideravelmente attenuado. Batidas frequentes e frequentes rusgas garantem á cidade uma tranquillidade quasi absoluta.

As rusgas são constituidas por uma porção de guardas escolhidos, seis ás vezes, ás vezes mais, capitaneados por um dos mais antigos e experimentados, agente com larga pratica e vasto conhecimento da gente que se procura. Elle conhece aquelle meio como os seus dedos e está ali como em casa. Sabe-lhe os mais escusos recantos e poderia dizer de cór, se quizesse, o poiso habitual de cada uma d'essas creaturas que a Fatalidade pôz sob os seus olhos tutelares. É esse o nosso *cicerone*, o nosso *compère*, n'essa revista estranha que se vae desenrolar.

A rusga começa pela rua Silva e Albuquerque, uma viella estreita parallela á rua da Palma e que entesta ao cimo com uma estalagem. Todas as tabernas, cafés e botequins são revistados. A primeira em que entramos é uma lojeca de duas portas, acanhada e fumacenta. Á direita o balcão, o fogão á esquerda, ao pé da porta, um fogão de casa d'iscas, onde n'uma frigideira enorme se tisnavam carapaus, com grande chiadeira e fedor a azeite queimado; um casco entre portas, mesas de pinho ladeadas por compridos bancos rudimentares onde formiga e se aperta a freguezia e está completo o quadro. Esta casa é procurada por moços de fretes, carrejões e maltezes que, de cacete, jaleco ao hombro e barrete derrubado, comem ali por pouco di-

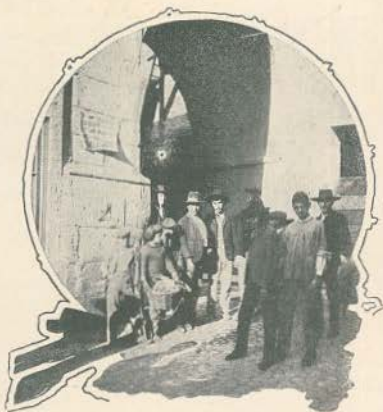
Um botequim

[1] *André Chenier.*

nheiro. A atmosphera é de tal modo densa, que é preciso a gente acostumar-se para ver quem está. «Teem comsigo alguma navalha?» e feita a pergunta os agentes verificam se realmente as ha. E ha. A um pobre diabo caça-se-lhe no bolso uma e muito razoavel. O agente que manda toma-lhe o nome e diz a um subordinado que o acompanhe ao governo civil e que vá depois ter ao sitio que sabe.

Successivamente vão-se correndo os cafés e botequins. Logo mais acima o «Mousinho d'Albuquerque» dá-nos um curioso *specimen* d'estes estabelecimentos. É um botequim reles mas a abarrotar de freguezes. Tem um guarda-vento de madeira com dois oculos em que se lê «Café e bebidas». Uma flauta ou cousa que o valha esganiçase ao repenicar de umas castanholas muito chinfrins. A's vezes, tambem faz as delicias dos circumstantes uma viola, uma viola pandorga, geba, de sons asperos, catharrosa, cujo, possuidor vem, nos intervallos da musicata, pedir um copinho da «rija» para espantar tristezas, e um piano que deve ter sido grande peccador em creança para ser assim espancado depois de velho. A assembléa é catita. Marujos, desgraçadas, fadistas e *camareras*, uns pobres diabos que servem a *bobida* aos freguezes e perguntam «se podem tamem beber alguma cousa», esfregando os olhos moidas de somno e aborrecidas d'aquillo tudo...

A Mouraria em flagrante

Ao fundo corre o balcão com a estante envidraçada onde se enfileiram as garrafas das drogas. O scenario é ainda o mesmo de quando Fialho d'Almeida o descreveu n'aquella pagina celebre e genial do Sergio, violoncellista, que ali tocava perto, na Carreirinha do Soccorro. O scenario e as figuras. É ainda a mesma assembléa e o mesmo gallego que dá os cafés ao fundo, coça as meias e trata os «moinas» dos freguezes por «gajos».

A rusga entra e dois agentes tomam a porta. A musica que atacava o «Agora virastu» estaca em meio, suspensa. Um rapazola imberbe, chapéu á faia como a roda de um carro, cache-nez ao pescoço, um cache-nez vermelho que lhe deu a querida, bota pespontadinha e com embutidos de polimento, uma calça muito esticada, esticadissima — como diabo poderá elle tirar aquellas calças?! — responde a gingar, ao agente que lhe pergunta se elle traz comsigo alguma navalha: «Não me arece!» E ginga tanto o maldito que parece que as pernas são de arames e o corpo é de engonços. «Deixe vêr as mãos»; mãos sem calos, de quebra-esquinas, de madraceirão, languidas, suadas, com as unhas negras, encabeçando uns dedos baquetas, ossudos e espalmados. É a ralé. A ralé do operario, a ralé da marinhagem, o refugo de toda a vida limpa e digna que ali se acoita e entretem. Passada revista vamos embora. Á porta uma ou outra cabeça assoma, alguma cara deslavada e viciosa, cocando se nos fômos. E de subito a musica esfogueteia zombeteira, vingativa e ironica «O compadre chegadinho».

Assim vamos correndo todas as baiucas do bairro até ao largo da Saude. Ahi, no recanto formado pela egreja, ha um botequim, um corredor estreitissimo e impossivel e uma tabernoria de má morte, das que, quer interna quer externamente, peior aspecto offerecem. N'um desvão escuro, á roda de uma mesa quatro cidadãos mal vestidos conciliabulavam. Tudo excellentes pessoas, mas ao melhor encontrou-se-lhe uma navalha, e que navalha! Era de ponta e

Um trecho da Mouraria

Um trecho da rua Silva e Albuquerque

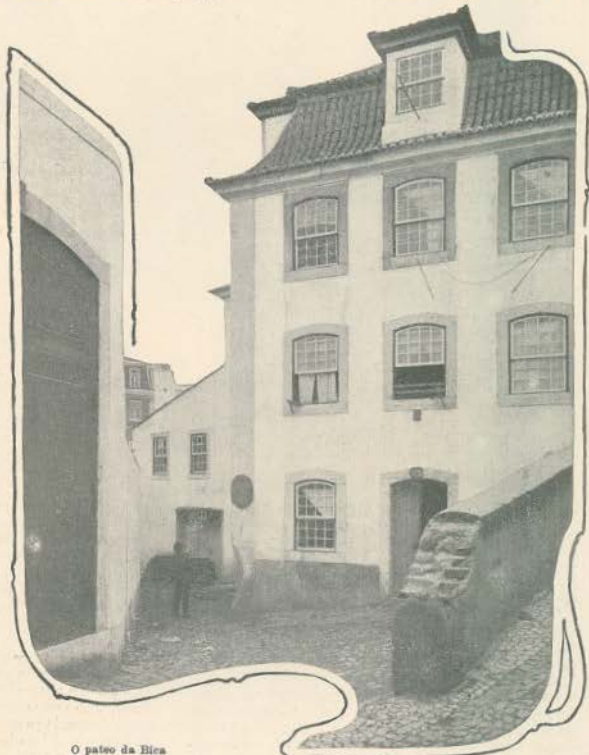
d'aquellas que dão estalo a abrir. Estava afiada e devia cortar como uma navalha de barba. O seu proprietario, que não estava prevenido para receber semelhante visita, ficou surprehendido, mas prestou-se de boamente a acompanhar o agente. No caminho creio que mudou de resolução porque atirando um encontrão ao policia deitou a correr que parecia maluco. O guarda apita, outro deita-lhe a mão, e o homemsinho volta á primitiva companhia. Boa pessoa. A respeito de cadastro... hum!!... teria passado ahi metade da edade no Limoeiro.

Entramos na rua de S. Lazaro. N'uma venda de vinho dois carroceiros. Estão obliquos com o balcão, palrando. Vestem de azul, cigarro atraz da orelha, melena, bigode rapado, cara sudorosa, calça de bocca de bacamarte e as mangas arregaçadas até ao cotovello deixam vêr os braços cheios de tatuagens. Dois corações atravessados por uma setta, uma guitarra, uma ancora, flôres, etc... Não se lhes encontrou vestigio de ferro, mas, palavra de honra, eram creaturas capazes de apavorar o proprio pae se os encontrasse n'uma estrada deserta, mesmo de dia, quanto mais áquella hora.

N'um recanto do largo do Mastro, n'uma taberna escura e suja, quatro vadiões carroceiros, ou lá o qué, roiam, em communhão, uma cabeça de pescada. Estava a ceia no mais saboroso quando a rusga entra e quer inquirir do interior dos bolsos dos convivas. Urbanamente foram convidados a isso.

Pois um dos patifes, ainda o agente se não havia chegado a elle para o apalpar, já estava todo gingante, de má catadura berrando: «*Bocê* não impurre! *Bocê* não impurre!» E finfava indignadamente que «nem uma pessoa pode comer socegado».

Dos seis homens que vieram quatro foram acompanhar transgressores. E nós, batida toda a Mouraria, apalpada toda a frandulagem suspeita, vamos esperar o seu regresso, para começar a segunda parte do serviço, a rusga ás hospedarias e pernoitos, que promette ser muito mais interessante.

Então á noite alta o grupo espera a torna dos agentes que levaram presos. O ultimo noctambulo recolheu ao seu co-

O pateo da Bica

A rua Silva e Albuquerq

vil. A viação parou de todo. As ruas, solitarias, são maiores. As vozes e as passadas echoam fortemente e a luz baça, crepitante e trémula dos candeeiros põe na sombra enorme que enche a rua bruscas claridades, clareiras de luz onde a sombra dos vultos se agiganta, se anima e se apaga para mais além reapparecer e se apagar de novo.

O ultimo agente surge emfim e o grupo começa então a sua peregrinação pelas coutadas, hospedarias e alfurjas onde pernoitam maltrapilhos. Vamos, pois, vêr como e quem dorme por esses antros.

A primeira a ser visitada é a do pateo da Bica. É esta a mais caracteristica e por isso a que merece mais longa descripção. Quem, entrando no Intendente, seguir as paredes das trazeiras do Real Colyseu, enfia por uma ruella despovoada de dia, medonha de noite, bandada de muros, o que lhe dá o seu *qué* de azinhaga. Seguindo sempre essa azinhaga, que no cadastro se chama calçada do Desterro, vamos dar ao pateo da Bica, um recanto lobrego que a reintrancia de um predio encobre. Ao lado fica-lhe a cupula do Colyseu, enorme, denegrida, como um animal monstruoso que dorme, e cuja sombra pachidermica, colossal, dá mais solidão áquelle local tenebroso. A rua segue para cima, ladeirenta, mas nós ficamos n'esse canto. Entrado n'elle, a minha primeira impressão é de que se vae ali ficar sem o dinheiro e sem o relogio.

Ao fundo é a porta, larga como uma porta de cocheira e pela metade aberta a luz estira-se pela rua como uma alcatifa posta á recepção de todos os miseraveis que lá vão dormir. Entra-se. Á direita um pequeno balcão azincado, no vão da escada que conduz ao primeiro andar. Um candeeiro de petroleo alumia a scena. Um tabique de linhagem rebocado de cal serve, ao fundo, de divisoria. O espaço é acanhado, o pardieiro velho e o resto sordido. O sitio, o predio e os typos. Na parede onde nasce o balcão pendurou o hospedeiro uma cafeteira passando-lhe um cordel que vae da aza a um prego e d'ahi ao bico. Quando, ás tantas, quer afugentar o somno, põe-lhe o candeeiro debaixo e o café aquece tranquillamente. É um homem forte, córado, algo sympathico, typo de merceeiro que começou marçano e poude ao cabo de alguns annos de lucta ter balcão seu, não deixando comtudo de ser o mesmo homem serviçal, fura-vidas e sovina.

É elle quem nos faz a honra da casa. Tem um caixeiro que o ajuda e substitue, um velhote de barba á Junqueiro, semeada de brancas. Está de pé, com os braços cruzados, curvado sobre o balcão. Tem uma camisa que deveria ter sido engommada ahi pelas alturas do Diluvio e de que hoje resta um frangalho amarrotado e sujo provando que, como o seu dono, tem comido o pão que o diabo amassou e entrado a valer nos combates da vida. Debaixo de um chapéu de côco amolgado e com gordura sufficiente para adubar um caldeirão de regimento sabe-lhe uma farta cabelleira annellada. Fuma cachimbo, um pobre cachimbo melancolico e asthmatico, e amarra as calças com uma correia estreita e gordurosa. Lembro-me de já ter encontrado este velho em qualquer livro de Tolstoi. Não ha duvida! deve como elle ser philosopho e resignado.

O Arco do Marquez d'Alegrete

«Muita gente por cá?» pergunta o agente. «Nem por isso», e o hospedeiro agarra n'um candeeiro de sobrecellente e dispõe-se a acompanhar-nos. Começa-se então a pesquiza.

Segue-se uma sala terrea, onde se enfileira uma porção de colchões, depois outra, e outra, e outra. Os colchões são numerados como nos hospitaes. O numero é escripto n'um quadrado de cartão, pregado na parede. As camas são negras, coçadas, sujas, como a gente que n'ellas dorme. O hospedeiro allumia e começa então o desfile. São rudes trabalhadores, moços de fretes, trapeiros, vendedores ambulantes, todo o refugo de uma cidade como Lisboa. Dorme-se ali por 60 réis. Tem-se um colchão, um lençol e um cobertor. Os agentes, gente perita e experimentada, vão examinando os rostos, devagar. São physionomias gastas, suadas, de malares salientes, barba por fazer, o que as torna mais ferozes, mais patibulares. Perpassam na focalisação da luz, que uma por uma as vae arrancando do escuro, todas as degenerescencias, todas as monstruosidades. Estrabismos, prognatismos, asymetrias, craneos bosselados, dentes viciosamente implantados, labios fendidos, frontes diminutas, de tudo ha n'este riquissimo museu.

Alguns resonam e não acordam. É o somno bestial, profundo, dos animaes cançados. Outros accordados, revolvem-se na enxerga ou fitam um ponto vago com o olhar absorto, embebido de sonho, hypnotisado. A estes fazem-se perguntas. Mas o hospedeiro conhece-os: «Este é fulano, que vende na praça; este, cicrano, moço de fretes». E, designa-os pelas alcunhas, familiarisado. Alguns n'esta noite abafadiça, noite fornalha, arremessaram fóra toda a roupa. Resonam, nús, de bocca aberta, mostrando as carnes pobres de chloro, pallidas, lividas, de uma lividez anatomica. Ha outros de musculaturas solidas, biceps e troncos athleticos. E que athleticos não serão para soffrer sem abalo a tortura de uma vida que não deve ser melhor do que a dormida. Alguns feridos pela luz fitam-nos com os olhos espantados, aggressivos, mas breve se tranquillisam e volvem ao seu somno apenas um instante perturbado. «Ah! a rusga... que passe... Boas noites!»

E, a um canto, um garotito rachitico fita o vago com os olhos quietos, mortos.

O hospedeiro cicerona-nos a sua clientella. Sabe a vida dos seus freguezes. E esmiuça: alguns dormem ali ha annos. Ha-os de 3, 4 annos. Outros é lá de quando em quando, população fluctuante e movediça que nunca tem poiso certo.

O agente interroga: «O seu nome? Em que se emprega?» Elles, esfregando os olhos, boccas tartamudeantes de somno, titubeiam a resposta, e assim vamos até ao ultimo, sem que se apure nada de novo. A volta parâmos defronte de uma porta á direita. O hospedeiro abre-a e descemos tres degraus. Estamos n'uma sala terrea, humida, que mais parece uma adega e onde ha 20 camas. O tecto é sustentado por uma columna ao centro, onde está suspensa uma lanterna, que espalha uma luz mortiça e penumbrosa. Dá ares, vista agora, de uma caserna ou uma enfermaria. Sahimos e vamos ao 1.º andar. Conduz ali uma escada onde só cabe um a fundo, ingreme, rangendo com estrepito a cada passada. Aqui paga-se um tostão. O casarão é o mesmo, velhissimo, vilissimo e infecto. Dorme-se ali n'uma promiscuidade reles. Ha no ar um cheiro a suor, um cheiro caracteristico de animal humano, que entontece e enausea.

«Bem! Nada suspeito». E voltamos todos. O hospedeiro a meu pedido informa: Tem 83

O Cantinho da Saude

A sala caserna da hospedaria do Pateo da Bica

camas, mas n'esta noite só 45 ou 50 estarão occupadas. N'este momento entra um *habitué*, typo de rôto, despresivel e sujo, perfeito vadio, trapeiro ou mendigo. Apresenta as tres moedas de 20 réis, preço da noitada, pede que o accordem ás 6, e some-se pelo fundo a procurar poiso. Já conhece a casa. O caixeiro encafua as moedas por um buraco de mealheiro que dá do balcão para a gaveta, e, como o tempo urge, dadas as boas noites, vamos bater a outra freguezia.

A sahida ainda encontramos uma velha chineleira, farrapeirona e cambaleante, envolta n'um chalesito russo, que deitava um bafor a aguardente capaz de embebedar um soldado. Recolhia porque fechava a ultima taberna.

Segue-se a da calçada do Desterro, 21, logo adeante d'esta. Na parede a classica lanterna annunciando *Camas para pernoitar*. A mesma miseria e a mesma sordidez. O preço é um tostão e a freguezia é a mesma da antecedente. Bate-se á porta e uma mulher vem abrir. Uma sala com varias camas. Legiões de percevejos, acossados pelo calor, sahiram dos seus covis, dos enxergões denegridos e dos sobrados carunchentos. Veem-se subir pelas paredes em columnas cerradas como as formigas e cahirem do tecto apodrecido. Alguns fazem mancha sobre o travesseiro, como reservas aguardando ordens. Outros precipitaram-se ao assalto e vorazes, trepam, avançam, sugam em vida os farroupilhas que teem a suprema desventura de ali dormir. Um dos agentes levanta um quasi nada o travesseiro e recua logo. A avalanche começa a mover-se. Perturbados, espalham-se, salpicam o lençol de pontos negros e destroçam-se como um exercito em fuga, tomado de pavor, para d'ahi a pouco, já refeitos, recomeçarem no homem que dorme a sanguesugação sem que o desgraçado ao atrevimento da horda

Um hospedeiro

que ameaça devoral-o, possa pôr obstaculo ou tenha outro protesto, que coçar-se com frenesi, já por habito talvez, quando aquelle martyrio vivo é mais cruciante.

A Inquisição esqueceu-se d'este tormento. O de ser devorado vivo pelos percevejos. Pois havia-os lá muitissimo mais benignos. Bem considerado, *O Poço e o Pendulo* de Pöe ao pé d'isto não vale nada. E não são sómente estes os animalejos inimigos do homem que com elle teem que se haver.

Como nada haja de menção vamo-nos rua de S. Lazaro abaixo. Vistas as d'esta rua entra-se na rua do Soccorro de Cima, onde no predio que tem o n.º 15 eu vi um quadro que heide sempre lembrar com pavor. No 1.º andar é a hospedaria de um tal *Damas*, um latagão sem bigode e maneiras adocicadas. O tecto é baixo a ponto d'um homem de estatura mediana ter que entrar ali curvado. Que espiga para aquelle gigante allemão de 2^m,39, de quem o *Je sais tout* deu o retrato!

Aqui é o genero quarto que predomina. Ha varios marujos, varias desgraçadas e uns estrangeiros. Ao entrar a policia elles fitam-nos curiosos com os menineiros olhos azues, homens louros, rosados, e sorriem. Sahimos, e como ha outra no 2.º andar trepamos escada acima, a mesma escada impossivel de todas as casas n'este genero, ingreme, infecta, de que todos os gatos fizeram sentina e todos os passantes escarrador, sob a luz morrinhenta do candeeiro da escada que é tambem inseparavel d'estas escadas. A mesma gente. Os mesmos marujos, as mesmas desgraçadas. E como não houvesse ali que fazer vamos embora. Quasi á sahida um agente, apontando uma escadita interior, estreita, estreitissima, que leva ao sotão, pergunta: «Onde vae isto dar? Ha lá em cima alguem?» A mulher põe-se a mascar razões, mas ante o gesto formal do agente dispõe-se contrariadissima a franquear a entrada. Subi com a policia e o que vi foi simplesmente uma inédita e medonha pagina da miseria que eu nunca, apesar do meu pessimismo, julguei tão horrorosa. Nem Gustavo Doré nem Goya poderiam interpretar essa agua-forte, caricaturesca até á loucura.

Subindo a escada encontrámo-nos no sotão. Ninguem calcula o que aquillo seja. N'um espaço acanhadissimo, tendo por tecto o vigamento, e cujo logar mais alto é mais baixo do que um homem baixo, havia nada menos de sete enxergões, sete! Cada um tinha seu morador. N'um rebaixo, onde só de gatas se podia ir, dormia uma mulhersita

e uma creança. Disseram-me que estava tisica. Dividia a cama d'ella da dos homens um farrapo de linhagem, á guisa de cortina, estendido n'um cordel que ia de viga a viga. Dos agentes entraram dois e eu, curvados, usando de mil precauções para não quebrar a cabeça n'alguma d'aquellas amaldiçoadas traves. Depois, o cuidado infinito que era preciso para não pisar algum dos corpos estirados!

O ar que ali se respirava era capaz de tuberculisar um gigante. Tudo aquillo negro, negro, os corpos baços, os vestuarios putrefactos, os enxergões a desfazerem-se e sete peitos a arfar sem que o ar se renove a não ser por uma ou duas janelliculas, tão pequenas como uma folha de papel almasso. A atmosphera é asphyxica. Um cheiro a suor pesado, molesto, mata-nos. E esse cheiro, esse mau cheiro é tão violento que nos acompanha á rua e nos persegue. Egual a este só o odor da gangrena que uma vez apegado ao fato nem o demonio é capaz de o tirar.

Eu não commento, descrevo. Sou um fiel observador que viu, que sabe e que conta o que viu. Aqui não ha exagero. Estas rapidas notas não transmittem a decima parte do macabro, do medonho, do soturno quadro que aquillo é. Se não visse julgaria impossivel alguem ali dormir. Vendo julguei ainda um sonho. Demonstrou-me que o não era uma violentissima topada n'uma viga, apesar de todos os meus cuidados, que me fez sahir d'aquelle inferno muito mais depressa do que lá tinha entrado. Eu não julgo impossivel o dormir ali. O que me custa a crer é que alguem ali possa acordar... Pois de pernoitar n'aquelle cacifro horroroso paga-se um tostão o que equivale a dizer que aquelle sotão onde não cabe uma cama armada, com rebaixos nunca vistos; aquelles enxergões, aquellas serapilheiras sujissimas e fedorentas, tudo aquillo dá ao seu feliz possuidor o esplendido rendimento de sete tostões diarios. Magnifico, pois não é?

E, ali ás escuras continuarão a apodrecer os sete desgraçados, a tisica e a creança, até que um bello dia saiam aos hombros de quatro padioleiros para a Morgue. Alguns guardas nunca viram aquillo e os que viram veem horrorisados.

O predio n.º 15 da rua do Soccorro

Vamos d'aqui á rua do Soccorro, 8, 1.º Seis camas armadas n'uma sala. Paga-se de dormida 200 réis. A sala é pequena e as camas quasi não deixam entre si o espaço para duas pessoas de uma magreza ideal, da magreza diaphana de um cavallo de carroça, poderem passar á vontade. Como não houvesse vadios vamos d'aqui á rua das Atafonas, 25, 2.º É egual, que todas estas casas teem o mesmo cunho de sordidez e o mesmo ar pelintra e repugnante. Os quartos são divididos por tabiques, travessas de madeira, esticando a linhagem lambusada de cal, ás pastadas. Ao alto, empoleirado n'uma janella interior, um orgulhoso e imponente gato, um felino mimado e gorducho olha-nos com sobranceria.

Um proprietario de hospedaria

N'um quarto ha gemidos. A policia bate e apenas aberto depara-se-lhe um casal, n'uma cama de ferro, a cama habitual de todas as hospedarias. O homem tem a barba por fazer e um typo de pobre diabo a quem a vida andou para traz que mette dó. A sua companheira, que está sentada na cama é uma tisica em adeantadissimo grau de consumpção. Os braços, duas linhas, caem-lhe inertes ao longo do corpo. Conhecem-se-lhe os ossos. As mãos de dedos longos, cyanosados não se movem. O cabello, uma pobre trança escorrida, sem vida, é baço como os fatos pretos no fio. O peito é esqueletico, descarnado. É emfim uma ruina, uma armação de ossos, essa pobre e misera mumificada, cujos olhos perdidos não teem já brilho nem belleza. Geme alto, o que chamou a attenção. O homem, quando o agente lhe pergunta admirado: «Então você veiu dormir com ella?» soergue o busto para dizer: «Sabe senhor: Estive com esta mulher oito annos. Agora encontrei-a na rua e vim dormir com ella!» «Está bem, está bem!» e o agente vae-se com uma grande compaixão por tudo aquillo, logo amarfanhada por um gesto, o de dizer á mulher da casa, que allumia: «Vamos lá» e lá vamos effectivamente a vêr mais miserias e mais podridões. Rememoriei então a historia d'aquella desgraçada que eu não conhecia: a do homem que a encontra á beira de uma rua quasi morta e que já nada lhe podendo dar, lhe dá metade da sua cama hoje para áma-

nhã, talvez, furtar á bocca metade do seu dia, na compra do caixão. Quem sabe lá até, se agora, quando eu estou escrevendo, ella já não dorme no seu coval o somno indifferente e consolador a que tanta miseria tem direito?!

Vamos d'aqui á rua do Terreirinho, á dos padeiros, e ás da rua do Bemformoso e Mouraria. E foi n'uma d'estas que eu fui encontrar uma creatura estranha. Era um homem que bem se conhecia estar ali deslocado. Tinha pendurado á cabebeira um frak, coçado mas limpo, e o chapéu de palha. Quando o interrogaram ficou absorto, e ao ter que declarar a profissão disse envergonhadissimo «que... estava desempregado». Na cama ao lado havia um matulão que cogitava de papo para o ar, que «vendia bilhetes postaes illustrados».

Interior do café «M usinho d'Albuquerque

Eu tinha uma vaga idéa d'aquella figura, de já a ter visto em qualquer parte. Depois de muito rebuscar vim finalmente a lembrar-me de que aquelle homem, cujo typo de desgraçado eu notára, passára por mim ha muitos annos, pois fôra meu condiscipulo na aula de latim.

Estamos exhaustos, estafados de subir escadas phantasticas e detestaveis. Vimos uma multidão de caras differentes e ainda recordo com pavor um homem que dando explicações á policia, sentado na cama, erguia a mão direita deixando vêr um pollegar em forquilha, com duas cabeças.

É madrugada. Não tardam a vir apagar o gaz que crepita com ruido. Os agentes dispersam cada um para seu lado recolhendo a casa. Eu aparto-me dos dois com que venho até quasi á porta para repousar no somno, de tanto horror. É a hora em que alguma d'aquella gente se ergue e sae para cogitar como arranjar com que encher o estomago aquelle dia e com que pagar a dormida aquella noite.

Lisboa—1906.

Albino Forjaz de Sampayo.

Um *habitué*

II

Entre os commerciantes, movidos por dois ou tres agentes secretos da Companhia Real, e os engenheiros da direcção do Sul e Sueste, pende uma velha contenda, respeito aos aterros fronteiros da Alfandega, que tem impedido a construcção da estação terminal, fluvial, d'estes caminhos de ferro do governo. Os commerciantes não querem a estação terminal sul e sueste nas trazeiras da alfandega, em terras do esteiro marinho, terraplanadas e amuralhadas pelas obras do porto, á esquerda do Terreiro do Paço, pois dizem que esses terrenos devem povoar-se de depositos alfandegarios, fazendo com o edificio velho da alfandega e annexos jacentes um grande reducto ou cidadella centralisando o trafego e a alma da duana.

Os engenheiros do Sul e Sueste replicam que desde os projectos primeiros d'obras no porto de Lisboa, a estação fluvial da sua linha vem marcada como a construir-se em aterros da alfandega, e não póde sahir d'ali por fórma alguma, já pela commodidade centrica do ponto, já por os terrenos do Caes do Sodré, para onde os commerciantes querem que a estação vá, não possuirem espaço para os desenvolvimentos e larguezas que uma estação ferro-viaria deve ter. D'ambas as partes mexem-se influencias e ha folhetos e meetings onde cada grupo tenta pôr de seu lado a opinião. É esta a desinvolução surda e malevola d'uma rivalidade que, desde a cessão, á Companhia Real, da linha do Cetil a Vendas Novas, e da frustração de certos planos d'açambarque, traz a Companhia Real de má vontade contra a sua collega do Sueste. A Companhia Real não póde vêr que o Sul e Sueste avance e pareça ter topado alfim gerencia intelligente. Afizera-se á ideia antiga de a absorver n'uma liquidação ruinosa, a que necessariamente levariam os processos d'administração parada dos seus antigos directores.

Contava com a concessão Cetil inutilisar parte da zona de trafego do Barreiro; e não se cança de, ante o projecto de certas anastomóses da Sul e Sueste, parallelas a linhas suas, protestar e gritar que lhe usurpam direitos e cerceam espheras d'influencia.

A ideia inadiavel da prolongação das linhas do Barreiro até Cacilhas ou Almada, trazendo os comboios á parte mais estreita do Tejo, frente a Lisboa, a 10 ou 12 minutos de travessia maritima da capital, necessariamente desperta na poderosa Companhia Real os antigos rancores, pois, realisada a obra, os sonhos do Cetil carriando a Lisboa a mór parte das mercadorias do Alemtejo Medio e Baixo, em fumo vão-se, e visto o desenvolvimento espantoso que este acrescente trará ao Sul e Sueste, não haverá mais meio de pensar em o arruinar e adquirir por tutta e meia. É natural portanto que a pertinacia escandalosa e singular dos commerciantes em não querer a estação em terrenos da alfandega, sirva, sem elles darem por isso, os interesses politicos da Companhia Real, e que mesmo a teimosia dos ministros não tenha outro argumento, sendo a questão dos armazens apenas um rotineiro pretexto de gente tarda de ideias e burricalmente aferrada a tradições.

N'uma cidade com fachas de caes que vão desde Belem até Santa Apolonia, a alfandega quasi que não precisa de ter casas, pois ella está, ou deve estar, onde o navio acosta, e rapidamente o aduanei-

ro corre ao seu mister. Formalidades cumpridas, direitos pagos, não ha depositos do Estado senão para mercadorias não reclamadas, ou de retorno; o commerciante leva a mercadoria para casa, sem a deixar a cargo da Alfandega semanas e mezes, como habitualmente succede, por falta de celeridade nos serviços, ou fonice do particular que não quer ter depositos seus... Em verdade diremos que é esta a hora de levar o mercante bórlista e repontão aos bons costumes, e fazer dos serviços alfandegarios alguma coisa de rapido e preciso, segundo o exigem as dispendiosas obras do porto, e o almejado destino de Lisboa cidade-caes da America do Sul; ou se deixamos subsistir a preguiça chamorra da antiga aduana lisboeta, e consentirmos que o mercante prosiga na velhacaria hypocrita de recolher sem dispender, de nada então nos terá valido gastar 20:000 contos, na aspiração de fazer a capital empório de commercio maritimo, visto não sabermos aproveitar despezas feitas, nem transformar os costumes em face das exigencias novas do tráfego commercial.

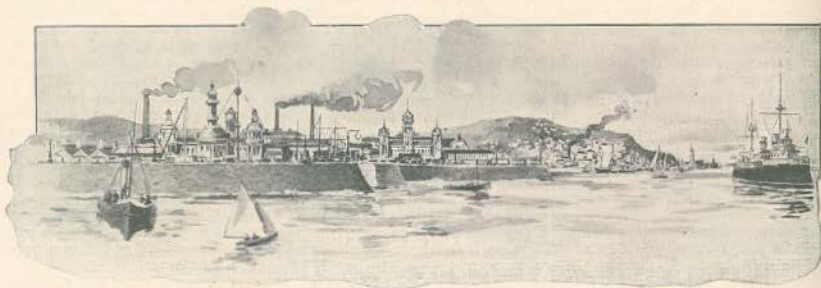
❀

Mas se é certo que a teimosia dos commerciantes, por bronca, faz suspeitar que por traz d'ella alguma tramoia a Companhia Real fomenta e móve, não menos descabida parece a ancia que teem os engenheiros do Sul e Sueste em querer já construir a estação terminal nos aterros do caes jacente á Alfandega, sem primeiro trazerem a linha a Cacilhas ou Almada, seu prolongamento logico e natural. Pois verdadeiramente se antolha que a pressa grande deva ser completar quanto antes a linha ferrea entresonhada, vazar as mercadorias d'embarque em caes fronteiros a Lisboa, pôr n'esses caes navios acostáveis desembarcando artigos que se destinem ao interior das terras d'além rio —dar pretexto emfim a que a nossa capital pela outra margem se desdobre, e uma nova cidade, abrangendo desde o pontal de Cacilhas á Trafaria, lentamente alastre á beira d'agua, primeiro em armazens e fabricas e officinas, logo com casarias e ruas moradias, trepando as lombas dos morros, pinchando aos cimos, quando á afluencia de gente que necessariamente o caminho de ferro trará comsigo, se juntar ess'outra que a mudança do Arsenal de marinha e officinas subsidiares, e ainda a da Escola Naval, sua consequencia immediata, n'um futuro mais ou menos proximo certo virão a concentrar na margem esquerda, frente á capital.

E tudo isto daria já para a nova cidade uma migração muito importante, que sommada com a visinhança das villas e logares que enxameiam no aro d'entre Trafaria e Cacilhas, póde determinar robustamente o inicio do faubúr novo, da outra grande Lisboa de forjas e martelos, a Lisboa fabril, errissada de chaminés e fumos londrinos, mirando ameaçadoramente, do outro lado da agua, a cidade-côrte em seus volvos d'orgia, seus arquejos de gaz e de festanga—do outro lado d'agua, em cujo espelho o labyrintho dos steamers, ao mugir cavo das sereias, encheria de grandeza o porto formidavel.

Acumular portanto na outra margem a Lisboa commercial e fabril, de grande labuta e grande trafego; ir para essa margem empurrando, á formiga, muitas industrias que por Alcantara e Poço do Bispo funccionam no meio de bairros, por ellas infectados; desobstruir por uma gradual e lenta transferencia, a beira-mar da Lisboa velha, dos hangares, barracões e feios depositos de mercadorias que ali se ajuntam, vedando ao lisboeta de gemma a margem do seu Tejo: tudo isto significa um desiderato maravilhoso para a belleza da terra e methodisação hygienica da industria, ajudando o desenvolvimento rapido d'uma cidade que com pretenções a chave do Atlantico e paraiso de touristes, ainda não poude sahir das virtudes prohibitivas e velharias confusas de qualquer terra hespanhola ou brazileira. Só quando a *Lisboa da outra banda* tomasse desenvolvimento uniforme de cidade, e as duas Lisboas, direita e esquerda, desenroladas polas margens do rio, proclamassem urgencia da sua homogenisação n'um todo edilico, é que a ideia da ponte ou pontes monumentaes de 9:000 contos (que já começa a endoidar bestuntos da puericia mandante, amiga de exhibicionismo) deveria ser posta a amadurar, conjunctamente com a do projecto de estação fluvial sul e sueste, cujas obras, a contrario do que oiço, não parecem por agora tão urgentes como a conclusão da via ferrea até Cacilhas ou Almada. (1) Quanto mais prés-

(1) Varios, e em epocas differentes, de 1880 para cá, teem sido os projectos de pontes sonhados para ligar a capital com a margem esquerda do Tejo. E' do folheto «Ainda a estação fluvial das linhas do sul e sueste», do sr. engenheiro A. Santos Viegas, que extracto a enumeração d'esses projectos:

Em 1888, projecto do americano Lye; vinha a ponte d'Almada ao Thesouro Velho, e ahi ficava a estação de passageiros e mercadorias do Sul e Sueste, com entrada pelo Largo das Duas Egrejas. «A este plano, accrescenta o sr. Santos Viegas, alvitra-se agora accrescentar elevadores

Futuro Arsenal de marinha, na outra margem do Tejo

A grande ponte para caminhos de ferro e peões, entre as duas Lisboas do futuro

to essa via concluida, mais cedo começará, frente a Lisboa, o centro de crystalisação da nova cidade commercial e fabril que tanto urge. D'ahi, se o Arsenal de marinha sae, como pretendem, do seu forte edificio pombalino, deixará disponivel um cazarão enormissimo onde em qualquer canto os engenheiros do Sul e Sueste pódem talhar estação avondo, e em ponto centrico, correndo-se por deante do edificio, desde o Terreiro do Paço, como alguem já propoz, uma arcada que alargue o transito da rua do Arsenal para peões, sem ser necessario recorrer a qualquer construcção moderna especial.

❀

Não são das menos desagradaveis coisas da grande enseada maritima de Lisboa, essas montanhas pardas da Outra Banda, sem arvores nem casas, e de cujas vertentes a cada passo esbarrondam terras contra o mar. De ha muito, n'outro paiz, essa margem sinistra estaria embelecida e arborisada, cortando-se nas gredas soltas, tratos de terra plana onde correr caes e fazer installações, cintando de muralhões o resto, e escalonando até ao cimo as terras altas, para as encher de zig-zagues d'estradas, entresachados de residencias de campo ou grandes fabricas. A cordilheira nua, com meia duzia de cazebres branquejando no amarello ruim das gredas soltas, tem uma apparencia de Africa maldita, que ignobilisa o panorama, encarióca a cidade, dando dos instinctos paysagistas do luso, uma ideia das mais frigidas para o conceito d'europeu civilisado que elle se dá ares de merecer.

❀

N'este plano de arborisações e plantações florestaes no aro de Lisboa, estariam ainda outras obras pacientes, methodicas e bem largas, com viso a destruir a nota d'aridez que os campos e montanhas melancholicamente põem na paysagem suburbana.

Hoje será um pouco menos sensivel a mancha de nudez saharina d'esse aro ou cinta da cidade, desde que os novos bairros esquadriem, pelas courellas e lombas cercanas, os seus rectangulos de ruas, espaço fóra... Mas é ainda doloroso e dá uma nota de miseria, sobretudo no verão e primeiros mezes de inverno, esse mappa infindavel das amarellidões da terra ardida do sol, metade sem cultivo, outeirões, valeirões sem arvores nem casas, onde a poeira infecta remoinha, algum canavial marca os vallados, e só nos talwegs dos montes, como Bemfica, Lumiar e algumas baixas da Penha e Campo Grande, duzia e meia de hortas e quintarólas burguezas fazem excepção paradisiaca. Essa zona de terras, tão vasta, jacente a uma capital tão populosa, onde abunda o dinheiro, e os commerciantes são quasi todos camponezes, filhos e netos de agricultores, parece incrivel não esteja já completamente retalhada e povoada de grandes e pequenas hortas e quintarólas agricolas, de granjas modelos, muradas e cultivadas a primor, quanto o permittem este clima benigno do mar, a facilidade de collocação dos productos horticolas, e emfim a abundancia d'agua, cuja pesquiza mui rapida se faz com furos artezianos, que dariam para irrigar ricamente tão dilatado circuito de campina. Ao redor de Lisboa, kilometros e kilometros, o mesmo abandono da terra melancolisa e choca o viajante. Que absoluta carencia do instincto pantheista, que inconsciencia grosseira do papel da arvore na vida, que ignorancia desdenhosa dos beneficios moraes e estheticos da cultura! Nem grandes parques, nem grandes olivaes, nem grandes pomares de fructa, ás portas d'uma capital que tudo gasta a preços fabulosos, e por cujo porto os paizes frios lhe poderiam esgotar milhões e milhões de toneladas de fructas e hortaliças! Certos arrabaldes que antigamente foram quintas e explorações agricolas

O palacio da Ajuda, completo, e o parque, ao fundo da grande praça ajardinada

---

que nas alturas do Caes do Sodré transportariam vagons, entre a linha superior e a estação da companhia». Custaria de 8 a 10:000 contos.

Em 1889: projecto de Bartissol e Seyrig, fazendo da estação do Rocio a testa das linhas sul e sueste, quando ainda a Companhia Real pensava d'açambarcar os caminhos de ferro do Estado. Custava 9:000 contos, a que opiniões meticulosas ajuntam mais 1:000 para expropriações.

Em 1890, projecto do engenheiro Proença Vieira, que iria d'Almada a um ponto ao norte da rocha do Conde d'Obidos, seguindo a linha ferrea até cêrca de Campolide. Custava 7:500 contos, mas é possivel chegasse a muito mais, visto haver sitios no rio onde as fundações dos pilares iriam até 60 metros de fundo, e no projecto não se faziam calculos explicitamente rigorosos ácerca d'essas fundações.

Depois de 1891 houve mais dois projectos. Um, do fallecido Miguel Paes, de todos os expostos o mais sensato sob o ponto de vista da ligação ferro-viaria, vinha do Pinhal Novo, onde toda a rede do sul se acha reunida n'um tronco unico, ao espigão do Montijo, e d'ahi, por uma immensa ponte, aos Grillos, fóra da zona da grande navegação do Tejo. N'este sitio, teria a ponte muito menor importancia para a viação ordinaria. A construcção seria mais facil, mas a extensão muito maior, devendo o custo exceder pouco mais de 4:000 contos.

Finalmente, o ultimo projecto de travessia do Tejo era a concessão a uma empreza americana, d'uma ponte para peões, carros, «tramways» electricos, e caminho de ferro, entre Almada e o bairro da Lapa, sem bases porém que permittissem avaliar da sua exequibilidade. O sr. Santos Viegas opina (e nós tambem) que a idéa Julio-Verneсa da ponte sobre o Tejo deve deixar-se ás futuras gerações. Não que ella não represente um arrojado e utilissimo melhoramento, mas por ser devorante o custo, e não se deverem adiar outras obras mais urgentes, como a da trazida do caminho de ferro do sul a Cacilhas ou Almada, e fundação da nova cidade da margem esquerda, em que urge desdobrar, o mais rapidamente possivel, a nossa actual Lisboa fabril e commercial.

Bairro operario, do typo hygienico moderno

rendosas, como Xabregas, Sacavem, Olivaes, baixas do cemiterio de S. João, valles de Chellas, Lumiar, Porcalhota, todas as extensões que vão até para além de Loures e Odivellas—Linda a Pastora e Linda a Velha—todas as terras da beira-mar até Carcavellos e até Runa, actualmente, com pequenas excepções, jazem pela mór parte abandonadas e desertas. É uma agonia percorrer as pulverulentas azinhagas caracolando entre essas grandes fazendas taladas e malditas: muros cahidos, oliveiras resecas, casas abandonadas, adegas sem telhado, abegoarias ás figueiras bravas e ás silvas, d'onde parece que alguma guerra civil ou tragedia domestica espectralisaram o horror d'alguma bruxaria ou lenda sanguinaria... Quem entra pelo caminho de ferro a cidade, ou pela via de cintura a circumtorna, é que recebe em cheio no peito a impressão d'essa aridez desmazellada e marroquina. Ás portas da primeira cidade, tanta fazenda que presumo rica, e que deveria ter acompanhado de perto a evolução agricola, na elegancia das installações e modernidade dos apparelhos de cultivo, eil-a ahi jaz entregue a saloios sordidos e rendeiros desamoraveis, sem a exploração directa dos donos, e attestando o quanto ainda mal o portuguez resiste ás indolencias do oriental e do negro, seus ancestros, e sabe adaptar-se ao seculo europeu!

A arborisação rarissima e nada progressiva, a horticultura cahida e abandonada, pesquizas de agua feitas a medo e pelo processo cachético da nora mourisca, tudo isto revela a rotina rançosa d'uma gente que foge ao trabalho de resultados longinquos, e afeita ao egoismo do lucro immediato, evita por todas as formas fazer obra de futuro.

Vae, não seria apenas questão de riqueza productiva, a arborisação e horticulisação de grande parte das terras circumdantes da capital, bem como o parcelamento do que n'ellas é grande propriedade, a beneficio das pequenas granjas e grangeios. Era tambem, no ponto especial que nos occupa, uma questão de hygiene e de belleza.

Não poderão os municipios, nem os governos interferir efficazmente em coisas da administração privada dos cidadãos, e por isso só nos resta aguardar que os donos das terras um dia acordem lucidos para sentir de repente a nodoa d'essas stépes quasi tão miseraveis como as de Madrid, e a cercadura de deserto que ellas põem n'uma paysagem que, com obrigação de ser encantadora, é das mais solitarias e tristes do paiz.

◉

Entanto certos bocados haveria onde fazer chegar sem perda de tempo, pela acção governativa, a influencia redemptora, civilisadora e benefica da arvore. Esse palacio da Ajuda, no seu alto espraiado, mais com o ar d'um quartel, do que afeiçoado a solar de principes e reis... Que molle desgraciosa é aquella, com uma aza incompleta, que ficou de se lhe pôr desde o principio—no meio d'uma aldeola indecente, ao alto d'uma calçada de cazernas, dando sobre descampados onde caducos moinhos servem de montureira a vagabundos? A architectura fria e burocratica, a massa geometricamente enfadonha e sem surprezas... É um palacio real? Por

consequencia, logo a primeira coisa seria achar-lhe outro destino, mais actual e social do que esse de servir de sepulchro a uma rainha disponivel. Seguidamente viria completar o palacio, segundo a traça dos architectos primitivos, por fugir ao séstro porco de não acabarmos nada, e serem os edificios publicos umas como attestações morosas da nossa descoordenação moral e social.

O palacio completo, urgia limpar a visinhança dos casebres e crapulosos pateos que o bordejam, expropriando e demolindo á volta o necessario para ficar o edificio no centro d'alguma esplanada vasta, ou bracieira, que annexada ao Jardim Botanico seria depois murada e gradeada, fazendo-se um parque o mais possivel amplo, com entradas monumentaes aos quatro ventos, a fim de se regularisar depois em volta o terreno para edificações particulares, em vez d'estarem a consentir no sitio ruelas e beccos, sem regularidade nem ordem, que cada qual povôa de barracas ignobeis, de montureiras e estabulos, como na mais bisonha aldeia do Alemtejo e Traz-os Montes.

Assim amplificado e arranjado, o parque do palacio da Ajuda seria um parque publico, para regalo dos moradores dos bairros convisinhos, e nunca exclusivo usofructo realengo, como está sendo a Tapada, que se fechou sob o pretexto futil de ser um bosque d'amor com dryades-buxos, e Sua Magestade querer ali um viveiro de coelhos para bom prazer das suas corrumaças e chacinas.

Supponhamos que se completavam a aza direita, e as incompletas, do palacio, deixadas sem effeito desde que o cazarão teve fachadas visitaveis, e aposentadoria para a familia real, que era o preciso... Como é fabrica vastissima, na ala que lhe construissem de novo se poderia installar faustosamente a Bibliotheca chamada da Ajuda, annexada d um museu, onde as collecções de pinturas e obras d'arte sobrantes do adorno dos palacios reaes, estaria catalogada e reunida, ajuntando-se-lhe pouco a pouco tudo quanto fosse vindo, depois de liquidada a questão do açambarque das muitas e variadas obras d'arte do paiz, que desde o... pontificado esthetico de D. Fernando figuram como propriedade particular da dynastia.

A bibliotheca da Ajuda seria desde logo provida de livros modernos, sem prejuizo da sua rica parte historica e humanistica, e aberta ao publico, especialmente de noite, para educação da numerosa gente popular que por li mora; e cada vez mais crescerá, na medida do alargamento dos novos bairros cercanos, e espessamento d'outros, que como Alcantara e Belem contam numeroso operariado, pequena burocracia e pequena industria, cuja educação litteraria e social está completamente por fazer.

De ha muito a bibliotheca da Ajuda, propriedade do Estado e não dos reis, como muita gente candida, e *mesmo algumas pessoas reaes*, cuido, suppõem, reclama ser catalogada e modernisada a bem do publico, em vez de jazer sem leitores, provavelmente n'um estado de limpeza que, se egualar o das outras bibliothecas de Lisboa, a terá em manifesto transe de ser pasto das traças ou monturo da humidade infecta e da poeira. Sem embargo de ter á frente um funccionario illustre e de reputação modelar, a bibliotheca da Ajuda requer uma actualisação e modernisação que a tragam á posse dos seus verdadeiros proprietarios (o mesmo para as collecções artisticas da Ajuda), e a distanceie quanto possivel das tentações d'alguma invulneravel grandeza que á primeira urgencia de dinheiro a expeça em lotes aos ferro-velhos de França e d'Inglaterra.

◉

Quando as obras do porto de Lisboa um dia avancem para além de Santa Apolonia, té ao Poço do Bispo ou Sacavem, correndo o caes e regularisando a margem do rio, aterrar-se-hão n'aquelle ponto, tratos immensos d'estuario, onde extensissimas alamedas, parques, bosques, ininterruptamente postos e plantados, proporcionarão á gente arrabaldia, massas de folhas e de sombras, onde, sem prejuizo das fainas commerciaes, possa a população virilisar, salubrisar seus refastelos e *far-nientes* hygienicos. Serão kilometros de platanos e d'ailantos, uma verdadeira floresta ribeirinha, em cujas clareiras talhar jardins de creanças, carreiras de tiro, de malha e de chinquilho, campos de *cricket* e *foot-ball*, de que a população operaria

Campo de jogos, no parque do bairro operario moderno

tanto necessita, como o demonstram as nuvens de rapazitos tristes e estrumosos que enxameiam nos fócos de laboração fabril da capital, e essa mesma população adulta d'obreiros, meio bestificada, tarda, desagradavel, e que fóra da taberna e da fabrica parece não ter curiosidades nem ancias de homens livres. Coincidirá isto co'a derrocada, ou pelo menos a larga desbridação dos bairros infectos d'Alfama, Castello, Mouraria, Alcantara e outros muitos onde a população trabalhadora se comprime, e mais ou menos são montureiras de gente, destruidoras da mocidade e vigor da raça popular. Ao derribar alguns d'estes reductos infames da tuberculose implacavel, não devem os municipios dar ouvidos á archeologia piegas que em certos bestuntos confunde o respeito das coisas artisticas com a monomania idiota de conservar tudo que é velho; e isto succederia na Alfama, para cujas *recordações historicas* logo esses gansos capitolinos reclamariam talvez salvo-conductos. A verdade é que, salva certa nomenclatura poetica das alfurjas e becos, salvo um ou outro bocado de muralha fernandina e joanina—onde algum cubo ou quadrella serve de mirante ou poleiro a algum quintalorio de burguez pobre — salvo um ou outro edificio, arco ou recanto, valendo mais como reprego scenographico do que como amostra architetonica dos seculos que Alfama conta, nada o caduco burgo da Lisboa priméva se póde dizer ostente que, a troco da salubridade dos moradores, valha a pena manter e respeitar. São *recordações* que maiormente não fazem falta á physionomia historica da terra, e d'onde se sahe enojado da porcaria das ruas e das lojas, da insulsez architectonica dos predios, da irremissibilidade antihygienica emfim d'aquelle immundo *ghetto* onde pulula uma ralé de gente verde, ossosa, e que parece exhumada depois de alguns mezes de podridão subterranea.

É minha opinião, e a de todos os medicos que rigorosamente teem escoldrinhado a insalubridade irreparavel d'aquelle verdadeiro monturo medieval, que o bairro de Alfama, como o do Castello, Santa Apolonia, Mouraria, etc., devem ser por completo arrasados e desfeitos, pois sem essa destruição impossivel se faz tancar tantos sinistros fócos da pathogenia complexa que os distingue, assim como emprehender d'um jacto o plano de canalisação impermeavel, completo, que todo o bairro hygienico necessita antes de tudo, e com a sufficiente escoante para a immundicia não fazer depositos permanentes no sub-solo, já de si secularmente infiltrado e pestilento. Ora quasi toda a população operaria e pobre da capital, isto é, dois terços da total, vive acocorada em bairros sem emenda, e a que tarde ou cedo vem a ser preciso deitar fogo.

◉

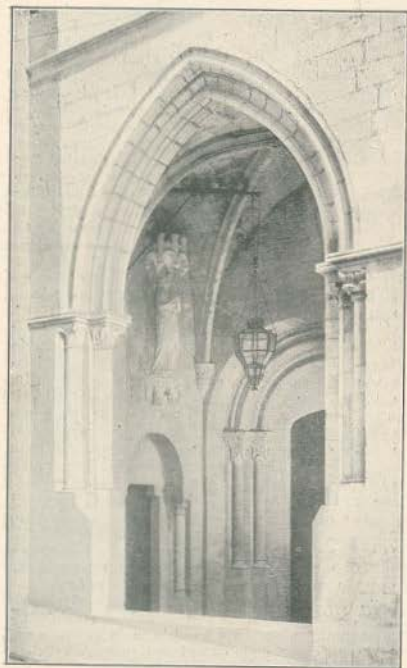
Os proprios chamados bairros operarios, ultimamente abertos, são poçanheiras asfixicas, sem beleza nem graça, em pateos lugubres, terrenos de refugo e mau acesso, mal expostos, mal calafetados, mal enxutos, com a hygiene funcção da estupidez dos mestres d'obras, trazida á corda pela sofreguidão cruel dos senhorios...

Jardim de creanças no bairro operario moderno

Desbridar, adentro dos menos caducos e insalubres, avenidas largas e direitas, refundindo a canalisação e inutilisando os fócos de maior perigo, é talvez processo de conservar alguns, inda algum tempo; outros porém, como Alfama, Castello, Mouraria, Santa Clara, etc., que remedio dar ao seu rachitismo senil, judengo e mouro, como limpal-os da enterite purulenta que os devasta?

Casas estreitas, mal repartidas, decrepitas, ruas tortuosas onde escassea a luz e o ar, canos insufficientes que estagnam debaixo dos predios, por tempo indefinido, as immundicias e reziduos da vida—lixos, dejectos, que agora sahem pelos barris e canos d'esgoto, e logo tornam pela janella, em poeiras e exhalações do solo e do ar contaminados, ou sob a fórma de lamas, pela porta, agarrados aos pés dos moradores... Ruas varridas em secco, ás horas vitaes em que a população inda moureja, ou não varridas nunca, n'uma terra em que a nortada imbecil, todas as tardes faz engulir aos transeuntes o esterco avulso das calçadas mal feitas e dos mac-adams nem petrolados, nem alcatroados, segundo a norma das terras hygienicas... Carroças do lixo a ceu aberto, cheias de buracos e fendas, que por um lado apanham o esterco, e por outro o vão peneirando aos solavancos das rodas, por calçadas cheias de escaninhos... Esgotos horriveis, pestosos urinoes sem desinfecção nem limpeza regular, latrinas no sitio mais escuso e humido das casas, onde os unicos liquidos são ourinas ou aguas corruptas de cosinha—madeiras podres e soalhos fendidos, por cujas frinchas os detrictos infeciosos se anicham, lustres, constituindo nos entresolos outros tantos fócos de cultura—

doenças contagiosas que passam, matam e vão renovando os inquilinos, sem que nenhuma desinfecção, pintura ou lavagem regular dos muros e soalhos, ao menos socegue o espirito contra a repercussão dos morbos nas novas gerações de moradores... Está inteirado o leitor? Acaso a telegraphia celere d'estes bairros-gehennas lhe haverá calafriado o espinhaço quanto ás cloacas que, em nome da archeologia e da sordidez capitalista, inda servem de abrigo ás populações proletarias, trabalhadoras, fabris da capital?!...

Recapitula-se então que se a Lisboa dos ricos, por sua architectura insulsa, é feia á vista, por outro lado a dos pobres, visto os descalabros ignobeis de que enferma, revolta o coração mais arido e gangoso. É necessario refazel-a dos alicerces aos tectos, não pelo séstro de remendar cazebres vesgos e cloacas mortiferas, mas abordando corajosamente o problema de fazer novo, sem desatender um só conselho, nem por economia forrar um só vintem, e bem ao contrario do antigo, dando á physionomia das casas e configuração scenographica dos bairros, o todo possivel de graça desinvolta, salubridade apetitosa e garridice genuinamente nossa e popular.

Capella de Bartholomeu Joannes, restaurada, na Sé

Portanto, a primeira coisa é deitar abaixo os burgos mal-

Torres da Sé de Lisboa, em restauro

ditos; logo drenar o solo das sanias putridas de seculos, lançar a canalisação hermetica, com escoantes ao rio e agua a cachões — ou revertendo os dejectos para montureiras que a chimica trate e inoffensive, o que daria por si uma riqueza subsidiar da agricultura suburbana, evitando a infecção da margem do rio, onde tanta gente trabalha, e tanto paquete europeu tem de atracar.

Pódes agora começar, leitor, de coração ligeiro, o bairro novo, a cidade republicana e proletaria, n'este paiz d'oiro-sol, de ceu azul, de golfos pallidos, de colinas de greda e nuvens de algodão. Casas pequenas, não é verdade? um piso terreo, quando muito um sobrado mais, de forte pé direito e grandes caixas d'ar sob os soalhos; casas de um morador, dois quando muito, separadas, envoltas d'ar e luz nas quatro faces, seus jardins floreiros e legumeiros, que muritos baixos separem, e onde fôsse facil fiscalisar, sanear, reformar, sem mysterios nem fraudes de hygiene. Construcções de tijollo refractario, a almofadas e gregas multicôres, seus rebordos de granito ou cantaria clara nas hombreiras, e quanto possivel modeladas, não é verdade? pelas nossas cazitas plebeas de provincia, as mais typicas e ingenuas, que entretanto algum architecto modernise sem pelintrice, mantendo-lhes, adentro da configuração labrega, as linhas gracis, afixando, que não mascarando, como elles costumam fazer, na frontaria *fallante*, o papel social do edificio. Estaes a vêr como um artista traria do Alemtejo e Algarve e Duas Beiras, a indumentaria esthetica da cazinha camponia, em pittorescos motivos que por lá an-

dam a esmo da colher dos trolhas rudes, levados na tradição poetica dos seculos...

Os muritos brancos da cerca, orlados de rede de adobos, vermelha ou amarella, fazendo como um entremeio de toalha, por cujas malhas cócam trepadeiras floridas e parraes; cancelas verdes, com os vasos de barro pintados, cheios de flores; logo o *cotage* risonho, airoso, de cortininhas brancas e gaiolas, sua varanda de pau, minhota, nas trazeiras, e tendo na platibanda a mesma rede d'adobos, mais miuda, sobre um friso de resalto onde brilhasse a esmaltada facha d'azulejos... Logo, ás duas bandas das janellas, os cachorros de pedra para mangericos e craveiros: e n'uma ou outra, as gelozias d'armario, salientes sobre a fachada, como os miradores das casas hespanholas — e as chaminés algarvias de resalto, em minarete, em torrela de canto, em castellejo, polychromas, rendilhadas de *muscharabiehs* d'adobos finos, o tecto de pagode chinez, a data pintada no bojo, entre bonecos, e no catavento, algum moinho, ou caçador de zinco, em attitude de disparar sobre algum gato ou pardal desprevenido...

Casitas d'estas fariam ruas direitas, largas, com grandes passeios lateraes bordados d'arvores, e ser-lhes-hia permittido installar bancos á porta, com parreiraes alpendrando a frontaria. Na renda, modica, incluir-se-hia uma annuidade permittindo ao inquilino ser senhor da casa ao fim de tempo. Cada bairro teria por centro uma vasta rotunda, servindo de praça maior, ajardinada e illuminada, para concertos e diversões d'ar livre. D'essa rotunda radiariam em estrella as ruas todas, desembocando n'um boulevard quadrado, arborisado a primor, que serviria de circumvallação, tendo nos cantos squares para jardins de creanças, e campos de exercicio e jogos para adultos...

Na rotunda maior, centro de vida civica, estaria a bibliotheca publica do bairro, o lactario, a creche, o balneario gratuito, o gymnasio, a egreja, a casa de conferencias e comicios, e emfim a escola, que seria o edificio rico, com, aos dois lados (visto estarmos n'um tempo em que o Estado cria o dever de tomar a criança operaria desde a creche, não a largando mais té restituir á sociedade o homem feito e independente) uma ou outra officina subsidiar, complementar da educação. (1)

(1) Não vem a pello, attenta a epigraphe d'este estudo, pormenorisar sobre os rigores hygienicos a attender na construcção, manutenção e salubrisação dos modernos bairros da cidade. Outra vez, com vagar, e em trabalho de mais reflectido labor e furia critica, tratarei de Lisboa sob este aspecto melindroso, então dizendo o que a edilidade fez e o que se poderia exigir que ella fizesse, em materia de hygiene publica e privada. A vergonhosa administração da camara de Lisboa, composta por via de regra de pessoas desprovidas de toda a competencia e interesse para o acambarque das tremendas questões que affectam o municipio, é mais um testemunho infamante da nossa ataxia regressiva, que muito urge tratar, renovando as vereações com homens de technica provada e garantida, entre engenheiros, artistas, medicos e homens de cathegoria financeira, em termos do municipio ser um corpo intensamente administrativo e progressivo, onde não seja facil entrelinhar escripturas, ou desmazelar serviços de limpeza como ahi se vê pela cidade.

Santa Engracia actual

Revenho á Lisboa luxuosa, capitalista, official, monumental, a que propriamente estes artigos restringem o assumpto da Lisboa nova, e retomo, se o leitor dá licença, a jeremiada no ponto em que a deixei, chorando, algumas paginas atraz...

Com materiaes aliás ricos, com um systema de construcção perfeito e solido, é inacreditavel o aspecto de pelintrice e pobreza que muitos d'esses bairros da Lisboa nova entremostram, por falta d'uma integração do elemento predio, no todo scenico, perspectival, da praça ou rua nova em que enfileira.

A architectura exterior dos edificios publicos, das egrejas, dos grandes palacios, é lamentavel de banalidade e insulsez: e os modernos quasi todos peores do que os antigos; fóra do manuelino, do que o terremoto deixou poucos bocados, fóra do D. João V, que é um entre Luiz XIV e Luiz XV luxurioso e freiratico, Lisboa não tem nada que ver-se possa, a não ser o Terreiro do Paço e a jesuitica egreja da Estrella, feita com o dinheiro que o marquez destinava á ponte monumental entre Almada e Lisboa, e o estafermo beato de D. Maria I derreteu em honra dos seus terrores superticiosos.

Santa Engracia, restaurada em Pantheon

A fachada dos templos, sem um tympano de effeito, nem uma hornacina esculptada, nem columnatas, nem torres, que triste cousa d'aldeia, que esmadrigado geito de capella de conde de provincia! Estão a reconstruir a Sé, (a boas horas!) creio que sem idéa de por dentro a repôrem na primitiva traça romanica, que ella talvez nunca houvesse no todo, pois seria feita aos bocados, com intervallos longos, como quasi todos os grandes edificios religiosos do paiz. Da parte em restauro, tudo é tão pobre que pouco se perderia deixando-a como estava. Capella de Bartholomeu Joannes, abside, claustro, são miseraveis pedaços que qualquer collegiada de villa gallega excede em elegancia estructural e airosa architectura... Gastar dinheiro para obter d'um edificio já mais moderno

que antigo, sem um bocado integro, (a não ser talvez a nave centro, se a estucagem nos pode deixar alguma esperança), quando muito uma exterioridade de theatro, uma silhueta *artista* para bilhete postal, é pagar caro deleites com que maiormente nada teem as artes monumentaes e o respeito immemorial da tradição.

Casa do sr. José Pinto Leitão na rua do Marquez de Fronteira (projecto do proprietario)

◉

De semestre em semestre, homens de lettras de compleição patriotica e lithiase e optimista exagerada, accordando d'uma catalepsia em que provavelmente os borborygma a propria gloria, veem correndo aos jornaes bramar contra o desleixo de não darmos sepultura heroica aos homens illustres—por desmentir o séstro de em vida os termos deixado ruir de miseria, pasto da injuria soez e da má lingua. Faz-se então nas gazetas um movimento envolvente contra a integridade dos Jeronymos, e cada qual, com um fervor tão patriota como parvo, destempera d'alvitres visando a mutilar e mecher no edificio colosso, que por ter ficado incompleto se entende deva dar fazenda para mangas a todos os remendões romanticos de casernas floreadas.

Todos querem na formidavel carcaça, feita para celebrisar uma das grandes epochas da historia, fazer-se uma salgadeira manuelina, d'onde em salmoura intrigar a curiosidade atonita dos posteros, naturalmente propensos a tomar por oiro todo o metal amarello que scintilla. Os primeiros que vieram (o caso de Herculano), achando vastas algumas das maiores salas do mosteiro, para si as tomaram, fechando a porta por dentro, por que não viesse mais nenhum roncar-lhe á cabeceira. Dois dos maiores (1), e que mais authentico direito haviam de jazer sumptuosamente adentro dos veneraveis muros seiscentistas, contentaram-se com um simples braço do cruzeiro; e isto que aos mais deveria servir de lição modesta, não logrou calar em animos vaidosos, pois para Garrett quasi acham pouco, do cruzeiro da egreja, o outro braço, havendo quem peça para João de Deus nada menos que o baptisterio todo, allegando não sei que analogias poeticas entre a obra do morto e os baptisados!

Se bem que eu tenha em pouco o feiticismo do osso, derivada pueril da absurda crença do juizo final, em que reunidas as almas aos corpos, plausivel se faz a ideia de ter o esqueleto á mão, lacrado e empacotado, propendo, é certo, um pouco —por ancestralidade poetica, eu sei! acorde do subconsciente ainda não de todo liberto do *mal* religioso—á ideia comunitaria de cercar de respeito as cinzas dos homens illustres, e ter em salgadeira lavrada o fosfato de cal servido na modelação d'algum *meneur* de povos e de seculos.

Guardem-se os ossos pois, se isso é devoção arraigada, mas sem maior alarde dos iniciadores d'essas homenagens, que gostam de sahir d'ellas tão celebres como os mortos, nem delirios de magnificencia exhibitiva, que exagerando o merito dos vultos, logo fazem descrer da boa fé do preito que lhes rendem. Garrett, trazido a occupar um braço da cruz latina dos Jeronymos, fez-me um pouco sorrir de tristeza desdenhosa: é um segundo escriptor que só por falta de criterio livre-cambista verosimilmente hombrea de primeiro. João de Deus, auctor d'um methodo rapido de leitura, e d'uma duzia de poesias da maior pureza e graça lyrica, atravancando o baptisterio d'uma egreja erguida para padrão de descobertas e conquistas, deixa-me um pouco perplexo sobre o destino a dar a outras cinzas de poetas maiores, e educadores eguaes, bem que olvidados. Este pobre paiz rhetorico, vivendo de exageros balofos e megalomanias oraes, quasi grotescas, quando nas crises de epilepsia grandiflora não topa deuses á altura da sua illusão cavalheiresca, inventa

Casa do sr. Henrique Monteiro de Mendonça na rua do Marquez de Fronteira [Ventura Terra, architecto]

(1) Restos de Camões e Vasco da Gama, trazidos por benemerencia de Luz Soriano, para o braço direito do cruzeiro. Escusado dizer que os ossos do poeta foram, segundo versão corrente, tirados d'um monte que se achou por debaixo do côro do convento de Sant'Anna, onde estava o carneiro d'uma especie de corporação de sapateiros, que ou ficaria junto á sepultura do poeta, ou d'ella tomou o logar, por contracto com as freiras ignorantes e pouco dispostas a acatar pobretões no subsolo da sua egreja. Ainda conforme versões seguidas, o terremoto baralharia as ossadas dos sapateiros, com a de Camões, sendo um superfino extracto d'essa sapataria que habita o plateresco sarcophago dos Jeronymos. Quanto aos restos do Gama, serão provavelmente tão falsos como os outros, apesar do governo os haver comprado a ouro, por umas poucas de vezes o seu peso.

Maravilhoso seria ir alta noite aos Jeronymos, escutar o dialogo d'esses ossos plebeus mofando a credulice dos vivos, e fazendo praça da malevolencia do destino, que até na morte se praz burlar o genio desgraçado!

alucinadamente colossos, que se põe a exaltar sem justo meio de senso equitativo.

Convenho em que se guardem honradamente os restos de dois dos maiores poetas portuguezes do seculo XIX, e se escolha ou levante monumento adrede, onde collectivamente a patria albergue as suas glorias authenticas; mas insisto tambem em que os Jeronymos, tendo destino historico, antigo e mais solemne, certo não deve consentir em que o deturpe a cabotinice da pleiade que os quer tornar salchicharia modica d'actuaes. De resvalo em resvalo, sabida a tolerancia da terra, atraz dos talentos medianos, irão os imbecis conselheirados: em pouco, toda a gente se julgará com direito de jazer historicamente, em cuvas heraldicas; e se a nação portugueza não chumba uma grade á volta d'esses muros sagrados, dentro de pouco a percentagem de genios com bonus universal para os Jeronymos será uma representação de todas as récuas que teem tramado este pobre paiz de pataratas.

Tam pouco a intrusão de remendões deverá tolerar-se no pretendido restauro e completação integral do edificio. Sou de parecer que, áparte a fachada principal, bem como o chamado annexo, ha tantissimos annos derruido, nenhum outro trecho do mosteiro deva de ser refundido, ficando a torre de Cinatti como está, mau grado os gritos de quem provavelmente iria lá fazer outra peior.

Sem duvida a torre de Cinatti perturba um pouco a paz plateresca dos Jeronymos, mas devemos ponderar que primacialmente o edificio nunca poude constituir um todo integro, e que além do que está feito, *estar feito*, tão pouco o paiz póde perder dinheiro e tempo n'estas tentativas impertinentes de monumentalisação, que nunca acertam.

A ideia de transformar Santa Engracia n'uma especie de pantheon de homens illustres tem pelo menos vinte annos de existencia. O sr. Ventura Terra ha pouco a renovou com criteriosa fortuna, logrando que os jornaes lh'a soprassem, que o mesmo não succedeu a quem primeiramente a exprimiu, sem ser ouvido.

Applaudo a opinião do sr. Ventura Terra no tocante ao acabamento e restauro de Santa Engracia, e estou que cedo ou tarde vingue esse projecto, que imperiosamente impõe magnificencia classica, elegancia robusta e patricia grandeza, não rematando a basilica ahi com quaesquer campanarios d'aldeota, ou quaesquer abobadilhas pifias de armazem. O acabamento e restauro de Santa Engracia devem seguir a traça de sumptuosidade fria com que os primitivos fundadores a edificaram; e o architecto precisará achar, para prolongação d'aquellas móles, fórmas que espiritualmente afusem e subtilisem para o ceu a ideia d'espirito victorioso que o monumento é chamado a consagrar. Mostra-nos a planta de Santa Engracia, ao centro, uma rotunda de lobulos, tendo nos pontos cardeaes, corpos de base quadrada, macissos, que evidentemente se destinavam a torres, como a rotunda central a ser coberta por um zimborio de thiara, ou grande cupula semi-espherica.

Casa do sr. J. Santos (Avenida Antonio Augusto d'Aguiar)

Prolongar as torres em elegantes agulhas ou pontas de lança, como o seculo XVII hespanhol as viu, galhardamente airosas, resahindo de cupulas onde lucarnas, olhos de boi, balaustradas de fogareus e estatuelas, renovam d'egreja para egreja a phantasia inexgotavel d'aquella verdadeira raça architectonica; coroar a rotunda com uma cupula de volta baixa, redonda e pujante, que recorde S. Pedro, e sobre que alguma Victoria ou Fama arroje os vôos; substituir por dentro as almofadas de marmore e as esculpturas estragadas: eis ahi nas linhas mães o bloco de restauração para adaptar Santa Engracia ao seu novo destino, isto sobre a laicisação completa do edificio, e o afastamento de toda a sorte de nojos funebres com que o mysticismo christão desvirtua a morte, e não convém se misturem á idéa essencialmente olympica e triumphal do Pantheon. Uma vez Santa Engracia installada, seria feita a distribuição das jazidas sem alarde de grandes espaços e grandes tumbas, n'uma egualitaria e para assim dizer symetrica apostura, pois se para cada despojo vamos a destinar capella inteira, melhor será

Casa da sr.ª viscondessa de Valmór, em construcção na Avenida Ressano Garcia [Architecto Ventura Terra]

levar para a Cordoaria o *Podridero* dos nossos immortaes.

Entre os edificios modernos, de proporções monumentaes, como a recente Escola Medica, continua o desastre architetonico na linha de casarões pejados da tradição conventual que encheu os outeiros lisboetas de casernas de frades e frontarias de egrejas jesuiticas. É o peso desgracioso das massas: é a nudez das frontarias, symetricamente esburacadas; o modelo eterno da janella de tympanos curvos, do seculo XVII italiano; os estreitos atrios, as claustradas mesquinhas, os corredores de carcere, sem luz: a inharmonia de proporção e distribuição de corpos e molduras — todo esse ar forreta e arapozado, sem invenção, sem graça, que faz cahir os braços de tristeza, e desillude sobre o que poderia ser, n'uma terra intelligente e de luz tão linda, a creação artistica do architectos que tivessem talento e se decidissem a vêr por conta propria.

D'ahi, como se não bastasse estarmos em terra onde a classe dirigente, conselheiral e cretinoide, não se importa, ainda por cima a miseria esthetica se aggrava com os desmazelos da gerencia. Na Escola Medica estavam gastos até fevereiro ultimo ([1]) cerca de mil contos, faltando ainda estuques e grande parte da decoração interior do edificio. Como achassemos exhorbitante o preço, uma voz categorica affirmou que poderia ter sahido mais em conta, se o ministro, em dois annos de crise obreira, não tivesse pago trezentos e cincoenta contos de réis de jornaes, a operarios a quem não mandava fornecer materiaes de construção ([2]).

— De sorte que estão ali 350 contos roubados ao Estado, a beneficio d'ociosos que durante dois annos estiveram deitados, a fumar; *não saindo o fiscal* (sic) *do escriptorio, mezes inteiros, por não poder reprimir essa relaxação auctorisada!!!*

E este desperdicio é nada, se repararmos n'outros mais vultuosos e infamantes, que encobrirão, Deus sabe, mais estupendas roubalheiras.

Sabem quanto se gastou em estacaria para os alicerces do lyceu, na cerca de Jesus? DUZENTOS CONTOS — para o projecto de edificar ali, logo haver sido abandonado! Na estacaria e fundações do palacio de justiça, á Avenida? Cerca de TREZENTOS, e lá foi já o terreno vendido em lotes, para edificações particulares! Na do palacio dos correios, ao Aterro? Cerca de OITENTA, e já cederam terreno para a Obra... *humoristica*, dos tuberculosos!

É um nunca findar de malandrices e relaxes, quando se pensa que ninguem pede contas, e qualquer borra-botas alçado pela maçonaria politica á ingerencia superior d'estes imbroglios, põe e dispõe como seu, a coberto de inqueritos, visto a porcaria das mãos de eguaes e superiores.

Temos, e teremos sempre, municipios inaptos para saberem amar com amor de artistas esta infeliz capital entregue em suas mãos, pois raro as vereações são cultas, d'essa cultura especial que impõe pontos de vista, e atira o espirito para além das comesinhas questiunculas de roupa suja e de marmita.

Podia ao menos o municipio ter um conselho ou junta de peritos artistas, com vista á monumentalisação da rua e corregimento esthetico da terra, e que em occasiões d'aperto mesmo, chamasse os litteratos, os artistas, o publico, a dar parecer sobre estas questões de portico, que a final de contas são de todos.

Mas onde é que esse conselho existe, na Parvonia? Onde é que a acção d'esses peritos artistas se revela?

Nas escandalosas tolerancias — talvez nas luvas — na estupidez cerval com que tem deixado encher-se a capital *d'orreis* crimes de bom gosto, quando bastaria, para as edificações totaes dos novos bairros, ter-se formado um plano geral, canalisando os esforços de proprietarios e architectos, para a sua gradual, integral resolução.

Palacio do sr. Carlos Eugenio de Almeida no largo de S. Sebastião da Pedreira

Edificio algum, por modesto que fôsse o seu destino, a camara devia deixar erguer como peça architetonica isolada; nenhuma rua ou praça nova deveriam traçar d'acaso, fóra da sua integração n'um todo uno, de sorte a evitar ao *touriste* esses corredores de ruas angostas e torcidas, essas plazoletas de curral, esses predios caixotes, que por toda a cidade são a vergonha dos naturaes intelligentes, dando ao contrario ás novas construcções, scenographias de linhas largas, perspectivaes, projecções estructuraes de massas d'arte, que de fundo scenico servissem a esta vida moderna, tão chata, fria, triste, e que nenhuma illusão artistica liberta da grilheta cruciante do *for life*.

As estatuas, os chafarizes, os lagos, os repuxos que barafunda imbecil, que magnificencia cagadócia, que monumentalidade galhofeira! Este é verdadeiramente o paiz onde já a civilisação da Europa pantanisa, emergindo em aleijões de parodia, da barbaria da Africa berebére. Aqui todos os haustos da raça branca, contempladora, seus delirios d'azul, suas febres de projecção no romanesco e no anormal, ao repercutirem-se na mulataria portugueza, degeneram em bugiarias grotescas, em mascaradas d'aringa e de zanzala. Que Cuniculos apostolos do povo, que Zés Esteves artistas da palavra, que Queirózes em casa das moças, e que Sousas Martins em casa de Caifás, tentam exprimir, na rijeza do bronze, a gratidão ausente d'uma multidão bestificada, pelo braço d'uma esculptura mimando apenas gestos de theatro! São um Pom-

[1] De 1906.
[2] Rigorosamente verdadeiro, como tudo o que aqui se relatar.

bal d'esta laia e um Camillo assim destrambelhado, as miguelangices propicias que os jornaes já pégam d'assoprar?

Uma coisa vos digo, e é que as estatuas perdoam-se só quando, ao exaltar genios authenticos, conjunctamente sejam obras immortaes. Se a estatua é má, logo achincalha a memoria que ia destinada a celebrar: e *hay que romper algo, hijos mios!* Se boa, o transeunte pára, mesmo em paiz sem culto civico, e o mais burgesso admira e quer saber.

Uma coisa seria entre nós novidade, e valeria a pena ensaiar em bairro ou rua architetonicamente regida pela fórma integral que atraz deixei: e vinha a ser aproveitar as estatuas de homens illustres como elemento decorativo, pondo-as em quinas cortadas de predios, á entrada d'avenidas... os oradores falando de tribunas, debruçados: os escriptores fazendo leituras publicas, do alto d'escadas, sob porticos... e teria isto a vantagem de cortar a continuidade das paredes, dar aos mortos uma acção de presença sobre os vivos, misturando a realidade á belleza augusta do sonho, que a obra d'arte, genuina, synthetisa...

⊛

Insisto pois nas duas ou tres idéas refluxas n'este latim cantado a surdos-mudos:

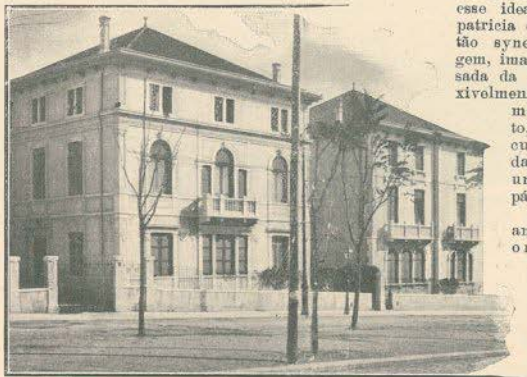
1.ª Deve um conselho technico, tendo por vogaes consultores todas as pessoas de provado gosto e cultura artistica do reino, intervir na escolha e adopção do typo architetonico de todas as construcções a fazer nas ruas de Lisboa e cidades mais importantes do paiz, sujeitando-se os proprietarios a respeitar escrupulosamente o criterio e disposições d'esse conselho, visto a liberdade consentida até hoje não ter dado senão construcções aleijadas e monotonas, mau grado a riqueza dos materiaes e inegualavel pericia dos nossos canteiros e alvanéos.

2.ª Esse conselho não auctorisaria projecto algum de rua, de que conjunctamente, em bloco, não erguesse planta e alçado architetonico, creando o todo sob pontos de vista que-mesmo não sen, do de riqueza-guardassem ao menos elegancia artistica, de sorte a formar uma peça graciosa e de scenographia homogenea, em vez de só constar, como até hoje, de bocados contradictorios e amarrados.

3.ª Se em vez de rua, fôr o traçado d'um bairro, deve o conselho attender á configura, ção e sita do terreno, partido scenographico a tirar, destaque de massas estructuraes, perspectivas, silhuetas pittorescas, em guiza de praças e ruas obedecerem a uma idéa de conjuncto (praças angulares ou squares nos cantos do terreno, a que venham ruas radiando em estrella d'um *mirab* ou rotunda centro, etc.), e nunca deixar a formação d'essas cousas ao acaso da compra de terras, ao egoismo dos senhorios, á matitez asnal dos praticões, á pesporrencia do engenheiro e lethargia do municipio, pois é do livre jogo d'estes elementos damninhos que tem resultado a vergonha dos modernos bairros de Lisboa.

4.ª Devem-se educar os architetos, d'estudantes, no proposito de crearem a casa portugueza, de cidade, praia ou campo, que é uma cousa de que em todos os paizes se trata, menos no nosso. Os mais ignorantes conhecem que não houve nunca uma architetura nacional, mas prevêem tambem que ao radicarem-se em terra lusa, as estrangeiras, pouco a pouco foram soffrendo o influxo d'architetos e mestres d'obras locaes, com mira de as adaptarem ás necessidades do solo e clima, á influencia anterior ou tradição, á natureza e resistencia dos materiaes: emfim a tantos dos variados factores que lentamente foram dessegmentando d'estylos ditos classicos, variantes regionaes, em geral leves, mas tambem por vezes profundas a ponto d'ellas se constituirem quasi em estylos novos, embora imperfeitamente definidos.

Reunir d'um cyclo ou periodo architetonico as variantes por onde um edificio construindo em Portugal chega a se distinguir do seu similar europeu; estudar se essas variantes teem o sufficiente relevo para um architeto de imaginação e talento fazer com ellas um edificio de phisionomia portugueza; partir d'esse typo de edificio para uma serie de tentativas d'outros, successivamente estylisados e creados na observancia rigorosa d'aquellas mesmas variantes; e isto mezes e annos, obcessão de mestres e discipulos, tarefa inflexivel, desde a escola até á morte—eis ahi, meus amigos, a maneira vagarosa e facil de se chegar a uma autonomia architetonica, de se crear um typo nosso de edificio, d'attingirmos esse ideal de casa, flôr patricia da terra, suggestão synergica da paysagem, imagem intellectualisada da vida, a que inflexivelmente propende o homem fino, livre, culto, e sem a consecução da qual a vida não é mais que um espairecer de pária vagabundo.

Porque, meus amados irmãos, já o nosso Ramalho deve ter dito, com a classica bravuraaphorismal: «quem não móra, não pensa».

FIALHO D'ALMEIDA.

Dois dos predios construidos por Julio d'Andrade na Avenida Antonio Augusto d'Aguiar

AS MODAS D'ESTE INVERNO

Modelo da casa Béchoff-David, destinado especialmente á ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Vestido de recepção em velludo *aubergine*, boléro de rendas guarnecido a cordões da mesma côr do vestido

[CLICHÉ FELIX]

A terra de mais lindas mulheres de Portugal

2.º CONCURSO PHOTOGRAPHICO

DA

Illustração Portugueza

No seu numero de 12 de março abria a *Illustração Portugueza* um concurso photographico com o thema **A terra de mais lindas mulheres de Portugal,** para que convidára os photographos amadores e profissionaes de todo o paiz. Infelizmente, ao successo causado no publico pela originalidade da sua iniciativa, não correspondeu o exito que seria de esperar a um certamen d'esta natureza. Por unanimidade, o jury convidado para apreciar as provas d'este 1.º concurso, e que era constituido por alguns dos mais eminentes representantes da Arte, da Litteratura e do Jornalismo, foi de parecer que as provas apresentadas lhe não consentiam eleger criteriosamente a terra de mais lindas mulheres de Portugal, e isto não porque ao concurso escasseasse concorrencia e entre os retratos enviados não fosse possivel extremar os de algumas lindas mulheres, *mas porque a grandissima maioria das regiões do paiz não se achava n'elle representada.* O jury, tendo, porém, em conta o interesse que o publico tomára por este original certamen, terminava por propôr á direcção da *Illustração Portugueza* que este 1.º concurso fosse considerado como um ensaio geral para um concurso definitivo, que em outras bases lhe consentisse a eleição da **Terra de mais lindas mulheres de Portugal.**

Esta proposta, que representava, por emanar de uma tão illustre reunião de artistas e escriptores, uma verdadeira consagração para a sua iniciativa, foi jubilosamente acceite pela direcção da *Illustração Portugueza*, que procurou dar a este 2.º concurso todas as condições de viabilidade, todas as facilidades de concorrencia e todas as garantias de exito. Para isto começou por estabelecer 5 premios, na importancia de 200$000 réis, sendo os 3 primeiros, respectivamente, de 100$000, 50$000 e 30$000 réis, e os 2 restantes de 10$000 réis, offerecendo ainda para ser sorteado pelos photographos amadores não premiados, mas cujas provas de concurso tivessem merecido ao jury menção especial, um objecto de arte. A importancia dos premios offerecidos e o longo praso de 6 mezes destinado ao concurso pareciam dever attrahir-lhe e facilitar-lhe uma larga concorrencia. E como se não bastassem essas compensações offerecidas, tendo em consideração o interesse que resultaria para os photographos profissionaes de uma exposição dos seus trabalhos, a direcção da *Illustração Portugueza* promettera inaugurar o seu salão de festas com a exposição de todas as photographias enviadas ao concurso. Não contára, porém, a *Illustração Portugueza* com a indifferença e a inercia tão proprias do caracter nacional, essa indifferença que entorpece as mais arrojadas como as mais vulgares iniciativas, essa indifferença preguiçosa que nem o dinheiro nem as conveniencias demovem.

Decorreram os seis longos mezes do praso, e apesar da grande publicidade dada ao concurso, das circulares expedidas e das numerosas promessas de concorrencia, o numero de retratos enviados foi *apenas de 83*, assim descriminados pelos seus *14 remettentes:*

Avelino Barros, da Povoa de Varzim...	10	(phot. prof.)
Paulo Namorado, de Ilhavo..........	8	(phot. amador, 1.º classificado no 1.º concurso)
Julio Vallongo, de Barcellos..........	12	(phot. amador, 2.º classificado no 1.º concurso)
Joaquim Adriano, de Villa do Conde...	6	(phot. prof.)
D. Elvira Moreira Mendes, de Aveiro..	5	(phot. amador)
Antonio Maria Lopes, de Lisboa......	7	(phot. amador)
Carlos Moutinho d'Almeida, de Lisboa.	2	(phot. amador)
Antonio Vianna, de Vianna do Castello.	3	(phot. amador)
Delfino Pereira Esteves, de Barcellos..	3	(phot. amador)
Marianno Felgueiras, de Guimarães...	1	(phot. amador)
C. Damasio, de Lisboa............	1	(phot. amador)
Antonio Rodrigues Rosa, de Mora.....	2	(phot. prof.)
Antonio Nunes Rafeiro, de Aveiro....	22	(phot. prof.)
João Costa, de Aveiro.............	1	(phot. amador)

Estes 83 retratos, *alguns e não poucos dos quaes em duplicado,* dão apenas representação no concurso *a 5 dos 21 districtos* em que está dividido Portugal com as ilhas adjacentes, a saber: Porto, Aveiro, Braga, Vianna do Castello e Evora; *a 11 dos 289 concelhos* da divisão administrativa do reino: Aveiro, Agueda, Barcellos, Braga, Guimarães, Arrayollos, Mealhada, Porto, Povoa de Varzim, Villa do Conde e Vianna do Castello; *a 21 das 3:912 freguezias* existentes:

Freguezia do Luzo	Concelho da Mealhada	Districto de Aveiro
Freguezia de Santa Eulalia	Concelho de Agueda	
Freguezia de Ilhavo	Concelho de Aveiro	
Freguezia de Vera Cruz		
Freguezia da Senhora da Gloria		
Freguezia de Aradas		
Logar de Santa Martha	Concelho de Vianna	Districto de Vianna do Castello
Freguezia de Beiriz	Concelho da Povoa do Varzim	Districto do Porto
Logar de Roriz		
Freguezia de N. S. da Conceição		
(Sem designação de freguezia)	Concelho do Porto	
Freguezia da Junqueira	Concelho de Villa do Conde	
Freguezia do Mindello		
Freguezia de Villa Chã		

Freguezia	Concelho	Districto
(Sem designação de freguezia)	Concelho de Guimarães	Districto de Braga
Freguezia de Alvito	Concelho de Barcellos	Districto de Braga
Freguezia de Barcellinhos	Concelho de Barcellos	Districto de Braga
Freguezia de S. Salvador	Concelho de Barcellos	Districto de Braga
Freguezia de Santa Maria Maior	Concelho de Barcellos	Districto de Braga
(Sem designação de freguezia)	Concelho de Braga	Districto de Braga
Freguezia de Móra	Concelho de Arrayollos	Districto de Evora

Esta singela enumeração, cuja eloquencia não carece de ser posta em relevo com quaesquer commentarios, põe em contraste o appello da *Illustração Portugueza* e a resposta que d'elle resultou por parte d'aquelles a quem tão confiadamente se dirigia, excepção feita dos 14 concorrentes, cujo concurso, por mais valioso que fosse, e reumscripto como era, não bastava para habilitar o jury a classificar a **Terra de mais lindas mulheres de Portugal.**

O districto e a cidade de Lisboa não apparecem representados com um só retrato no concurso! O unico com que é representada a cidade do Porto deve-se, não a qualquer photographo d'aquella cidade, mas a um distincto amador de Lisboa, o sr. C. Damasio! Do districto de Vianna do Castello, justamente considerado como uma das regiões do paiz de mais formosas mulheres, apenas um amador, o sr. Antonio Vianna, obsequiosamente correspondeu ao convite do concurso, com tres retratos! As provincias do Algarve, da Extremadura, das Duas Beiras e de Traz-os-Montes não se acham representadas por uma unica photographia! Do vasto Alemtejo apenas nos chegaram dois retratos!

Fossem unicamente industriaes as nossas intenções ao abrir o concurso, que procurariamos agora encobrir-lhe o insuccesso. Mas não póde e não deve a *Illustração Portugueza* occultar a sua magoada surpreza e reprimir os seus justos reparos ante uma manifestação que, sem significar de modo algum qualquer má vontade contra ella, irrecusavelmente demonstra um mal peor: a indifferença, a falta de interesse, que tão tristemente nos distingue dos outros povos

Um importante premio pecuniario e um excepcional ensejo para a affirmação e demonstração da sua competencia profissional e criterio artistico não obtiveram fazer despertar da sua indifferença *um unico dos grandes estabelecimentos photographicos do paiz*, reputados como taes. Apenas o sr. Avelino Barros, da Povoa de Varzim, justamente considerado um dos mais habeis photographos portuguezes, mandando ao concurso 10 photographias, esplendidas de factura, de relevo e de luz, o sr. Joaquim Adriano, de Villa do Conde, concorrendo com 6 interessantes retratos, o sr. Antonio Nunes Rafeiro, de Aveiro, enviando 22 provas photographicas, entre as quaes algumas de valor, e o sr. Antonio Rodrigues Rosa, de Móra, remettendo 2 photographias, deram provas do amor que dedicam á sua profissão e de que comprehenderam o dever de zelar os seus interesses, concorrendo a um concurso que tão numerosas compensações lhes offerecia, contribuindo para chamar a arte photographica a exercer uma acção intelligente, que exigia um criterio seleccionador e uma bem marcada noção da belleza e do bom gosto, dando-lhes assim o ensejo de nobilitar uma arte industrial das mais injustamente depreciadas.

Os restantes 10 concorrentes são todos photographos amadores. D'estes é justo salientar os srs. Paulo Namorado, Julio Valongo e Delfino Pereira Esteves, os dois primeiros já classificados no 1.º concurso, e que trouxeram ao concurso aqual o maior contingente de retratos, ou seja a quarta parte da sua totalidade.

D'esta exposição resulta que unicamente de 289 concelhos, os 2 concelhos de Aveiro e de Barcellos tiveram uma representação capaz de permittir ao jury um julgamento consciencioso. Estes dois concelhos absorvem duas terças partes dos retratos recebidos. Se o concurso da *Illustração Portugueza* consistisse explicitamente em julgar e premiar entre os retratos enviados os melhores — e semelhante criterio não só deturparia por completo as intenções do concurso, como lhe reduziria o alcance e o interesse a proporções vulgares, — a tarefa do jury encontrar-se-h'a singularmente simplificada. Mas não era esse o espirito do concurso, destinado a eleger a **Terra de mais lindas mulheres de Portugal.** Os leitores da *Illustração Portugueza* não deixariam de estranhar, como directamente lesados na sua espectativa, a accommodaticia consciencia com que o jury, nas condições referidas, se desse por habilitado a formular e a emittir um voto definitivo. Foi a essa consideração que obedeceu o seu parecer, que em seguida publicamos.

PARECER DO JURY

«Attendendo a que no concurso apenas se acham capazmente representados, para o effeito de uma selecção conscienciosa, os dois concelhos de Aveiro e Barcellos, o jury tem a honra de propôr á direcção da *Illustração Portugueza* o addiamento do concurso, até que se consiga reunir uma representação mais vasta de exemplares, abrangendo maior numero, se não todas, das mais importantes regiões do paiz.

Lisboa, 8 de novembro, de 1906.

Abel Botelho
Antonio Teixeira Lopes
Columbano Bordallo Pinheiro
Cunha e Costa
José de Figueiredo
Julio Dantas»

A direcção da *Illustração Portugueza*, acatando, como lhe cumpre, a decisão do jury, proroga por um praso de 3 mezes, a contar de hoje, a validade do concurso. Findo este praso, se subsistirem as razões determinantes da actual resolução, o concurso será annullado, solicitando, porém, ao jury a direcção da *Illustração Portugueza* uma classificação das provas enviadas, que lhe consinta dar uma compensação moral ou material aos concorrentes. N'este caso, os premios destinados ao concurso annullado serão integralmente transferidos para outros concursos.